Trigueirinho

Mensagens para uma VIDA DE HARMONIA

Como superar problemas difíceis com grande simplicidade

JARDIN EDITORA

Edição revisada

Mensagens para uma

VIDA DE HARMONIA

Trigueirinho

Mensagens para uma VIDA DE HARMONIA

IRDIN

Copyright © 1998 José Trigueirinho Netto

Edição revisada pelo autor

Texto de acordo com as novas regras ortográficas
da língua portuguesa.

Os recursos gerados pelos direitos autorais de todos os livros de Trigueirinho são revertidos na manutenção da Fraternidade - Federação Humanitária Internacional e suas afiliadas.

Capa, revisão e diagramação:
Equipe de voluntários da Associação Irdin Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Trigueirinho Netto, José

Mensagens para uma vida de harmonia / Trigueirinho. – Carmo da Cachoeira : Irdin, 2019.

203p.

ISBN 978-85-5441-041-4

1. Ciências ocultas 2. Esoterismo 3. Espiritualidade 4. Mensagens 5. Reflexões I. Título.

CDD: 133

Direitos reservados

ASSOCIAÇÃO IRDIN EDITORA
Cx. Postal 2, Carmo da Cachoeira – MG, Brasil | CEP 37225-000
Tel.: (55 35) 3225-2252 | (55 35) 3225-2616
www.irdin.org.br

Esta edição foi impressa em dezembro de 2019,
na *Artes Gráficas Formato Ltda*.,
em sistema offset, papel offset 90 g.
IMPRESSO NO BRASIL

Sumário

AO LEITOR 7
O MATRIMÔNIO SUPERIOR 9
A ÚNICA COISA NECESSÁRIA 23
A CURA DOS APEGOS 31
OPTAR POR VIVER 41
A BUSCA DA SERENIDADE 49
O QUE NÃO SE PODE PREVER 57
A CURA 65
A SOLUÇÃO ESTÁ PRONTA 73
A FUNÇÃO DO SOFRIMENTO 83
CURAR É SIMPLES 93
JEJUM DE PREOCUPAÇÃO 101
A BUSCA ESPIRITUAL 109
EM NOME DA CLAREZA 119
CURA E OPORTUNIDADE 129
TRÊS PROCESSOS DE CURA 137

TRANSFORME-SE.....147
O DESPERTAR DA TERRA 157
O CORPO FÍSICO NA CURA.....167
EXERCÍCIO DA VIDA.....175
CURADORES. 185
A CURA CÓSMICA.....195

Ao Leitor

Estes textos, sínteses de palestras proferidas por Trigueirinho no decorrer de vários anos, foram publicados pela primeira vez em 21 livrinhos pela Editora Irdin, que se dedica a estimular o potencial interior de seus leitores. Devido ao grande interesse que suscitaram, foram aqui reunidos em um só volume, que constitui uma base para a compreensão de toda a obra do autor. As palestras que compõem este livro foram escolhidas pela simplicidade e atualidade dos temas, bem como pela premência de tornar acessíveis certos assuntos às vezes ainda obscuros e controvertidos.

Estes mesmos textos foram publicados em espanhol na Argentina pela Editorial Kier, em sete volumes em formato de bolso para circulação nos países latino-americanos. Além disso, estão sendo difundidos na Europa, na Austrália e nos Estados Unidos de diferentes formas por grupos de voluntários.

Trigueirinho escreveu 82 livros e, durante alguns anos, realizou cerca de 3.000 palestras para os mais variados públicos, no Brasil e no exterior, lotando grandes auditórios, teatros e, até mesmo, pequenos estádios. Concedeu também entrevistas em rádio e televisão, sempre deixando boas sementes para os ouvintes. As

sínteses aqui apresentadas trazem a essência dessas palestras e facilitam a compreensão dos temas que posteriormente ele desenvolveu de forma mais profunda. São instruções fundamentais para os que buscam a verdadeira harmonia, só encontrada na própria alma.

Embora tenha atraído grande número de leitores e falado para pessoas que vieram de diversas partes do mundo para ouvi-lo na Comunidade-Luz Figueira, no interior de Minas Gerais, onde viveu até seus últimos dias, Trigueirinho sempre esclarecia que as informações que transmitia visavam estimular cada um a encontrar o próprio caminho, traçado no interior da alma. E, apesar de ter vivido e trabalhado em grupo, afirmava que só se pode ser verdadeiramente útil ao mundo quando, em solidão, se entra em contato com níveis elevados da consciência. Segundo ele, é em solidão que se toca a energia que, concentrada no interior do ser, então se irradia para o planeta e para a humanidade como bálsamo e poder de reconstrução.

Trigueirinho revelava em seus escritos e palestras que o reino da paz está à disposição de quantos queiram nele entrar, que já não é algo distante como nas eras passadas, mas uma realidade interior a ser descoberta.

De fato, nesta época, as energias do Bem são perceptíveis para todos os que sintonizam com elas. Foi tendo isso em vista que reeditamos estes textos, buscando, por meio de sua maior circulação, servir a um público mais amplo e diferente daquele que até agora usufruiu o seu vibrante impulso espiritual.

O Matrimônio Superior

Na escala evolutiva, não se saltam etapas e existe sempre algo a fazer para galgar o degrau seguinte.

A busca da união

Ainda que as aparências tentem mostrar o contrário, a união é algo misterioso para a maioria. Que força move as pessoas à procura de uma complementação? Por que elas se sentem sós ou incompletas? E por que a união com outras pessoas, grupos ou ideias é, quase sempre, imperfeita e efêmera? Estes são alguns pontos que buscaremos esclarecer agora, ao abordar a união de um ponto de vista amplo, digamos, universal.

Podemos considerar esta nossa conversa um trabalho pré-matrimonial, pois vamos fazer aqui uma espécie de preparação nupcial interior. Mas, para nós, as palavras matrimônio e núpcias terão um sentido espiritual e não a conotação que normalmente é atribuída a elas.

Preparar nossas núpcias espirituais ou internas significa harmonizar os diferentes níveis da nossa pessoa, alinhando-os com a alma, ou eu superior, que está em um nível supra-humano.

Vivemos em diferentes níveis. Agimos no nível físico, ao mesmo tempo que sentimos e pensamos. Temos aí os três níveis do viver humano, ou seja, os níveis em que atuam os corpos da personalidade: o físico, o emocional e o mental.

Ao procurarmos unir a ação com o sentimento e o pensamento, estaremos alinhando esses corpos; e, na medida em que isso for acontecendo, ou seja, na medida em que formos vivendo de forma integrada e harmoniosa, nossa personalidade irá sendo absorvida pelo eu superior (ou alma) – nosso núcleo de consciência no nível supramental, mais profundo do que a mente pensante e analítica.

Assim, gradualmente, nossa personalidade passa a ser a expressão desse núcleo mais elevado, a alma. Esse fato interno, extremamente renovador e necessário para a evolução do ser, é o que chamamos de matrimônio interior.

✧

Todos estamos destinados a efetivar a união interna, ou a nos casarmos no sentido místico, pois esse matrimônio faz parte do caminho de toda alma. Na verdade, é a alma que promove esse matrimônio, porque ela atrai a personalidade chamando-a para a unificação.

No princípio, quando ainda não compreendemos esse processo, buscamos diferentes experiências de união com pessoas ou coisas – sempre, porém, experiências externas. É que a necessidade de união interna, com nossa própria alma, é no começo interpretada como desejo de união com algo ou com alguém.

Nessa fase, na maioria das vezes, nossos corpos encontram-se desalinhados: predominam as forças de um ou de outro. Algumas pessoas ficam mais submetidas às forças do corpo mental, outras às do emocional. Há também as que se veem muito envolvidas com as forças ainda mais densas, do plano físico.

Nessa situação de não alinhamento entre os níveis da personalidade, enquanto fazemos determinada ação, desejamos outra coisa ou queremos estar em outro lugar e, assim, nossa mente vagueia de pensamento em pensamento. Em outras palavras, nosso ser vive fragmentado, disperso em muitas direções.

Ao adotarmos a busca da união interna, assumimos conscientemente não só o alinhamento dos nossos corpos entre si, mas também destes com o eu superior, porque é ele que custodia o propósito real, espiritual e evolutivo para nossas vidas. É bom termos sempre isto presente, pois assim podemos colaborar com o processo.

Como a alma é núcleo de vontade, amor e inteligência puros, ao assumirmos esse propósito, buscaremos agir de acordo com nossos sentimentos e ideias mais elevados e, de maneira concentrada e inteligente, depositaremos nessa ação o nosso afeto e amor. Assim, amorosamente, vamos alinhando os três corpos entre si.

Mas para alinhá-los com o eu superior – e colaborarmos, enfim, para a almejada união – ofertamo-nos a esse nosso núcleo profundo de consciência, nossa alma ou Deus dentro de nós.

Quando sentimos necessidade de nos unirmos a outra pessoa, a alguma ideia ou coisa, de certa forma já estamos no caminho da unificação, pois nossas energias superiores estão-nos atraindo para a busca da união. Entretanto, no início da trajetória, ainda não percebemos que estamos sendo conduzidos ao matrimônio interno, para o qual temos realmente vocação, e

assim, à custa de decepções, de felicidade fugaz ou de bastante sofrimento, nos enlaçamos em uniões superficiais. No entanto, com o tempo e com a experiência, reconhecemos que estamos destinados a outra espécie de união, e não a essa, fragmentada, superficial, com o que é externo.

Compreendemos, finalmente, que nossa busca é na direção das nossas núpcias internas, da união dos nossos níveis pessoais com os transpessoais e universais. Daí por diante, o relacionamento com nossos semelhantes ganha muito em qualidade, pois encontra sua maior força: a fraternidade.

Os três matrimônios

Na busca do matrimônio interno, podemos adotar diferentes formas de vida – a solitária, em colaboração com um outro ser ou grupal. Vejamos algo sobre essas formas para eventualmente reconhecer qual é a nossa no momento.

Em qualquer dos três caminhos estamos expostos a ilusões. Os que buscam fazer a união sozinhos, numa vida solitária, podem confundir-se ao pensar que, por estarem nessa busca individualmente, precisam isolar-se de tudo e de todos. Podem sentir-se separados dos demais, e esse é um dos perigos da vida solitária, que é muito benéfica quando sadia.

Os que estão no caminho de buscar o matrimônio interno em colaboração com outro ser podem pretender que seu parceiro ou parceira seja igual a si, ou

achar que ele próprio tem de corresponder ao que é dele esperado. Ambos podem enganar-se pensando que vão unificar-se, tornando-se uma só coisa, ou que deixarão de ser entes separados sob certos aspectos.

Por natureza, o ego humano é separatista e, por isso, não pode existir união perfeita nos níveis de personalidade. Se as pessoas que têm como tarefa trilhar o caminho a dois, em colaboração, se libertassem desse engano e vissem nessa trajetória uma oportunidade de um ajudar o outro a realizar em primeiro lugar a união em si próprio, haveria equilíbrio e harmonia entre as pessoas e a família não teria decaído tanto como núcleo social e espiritual. Como vemos, o matrimônio se faz dentro de nós e não só fora, socialmente.

Devido à expectativa dos parceiros de tornarem-se um só, inseparáveis, a maior parte dos casamentos converte-se em campo de árduo conflito e contínuo esforço de ajustamento, o que, nos melhores casos, exige muita dedicação e espírito de doação de ambas as partes. Na maioria, o que acontece são as rupturas, quase sempre traumatizantes.

O terceiro caminho para as núpcias internas é a vida grupal, no qual também nos expomos a ilusões. Podemos, por exemplo, achar que o grupo de que participamos é apenas o grupo externo, o das pessoas no plano físico, e isso pode deixar-nos muito apegados ao lado tangível da vida, aos que nos cercam e, consequentemente, nos tornar sectários em confronto com outros grupos.

Na verdade, a harmonia entre grupos facilitaria o matrimônio interno de todos os seres que os compõem,

pois a força invocadora de um grupo integrado numa consciência universal é muito maior que a de um grupo isolado. E a alma, como sabemos, é sensível a essa invocação.

✧

Se os membros de um grupo trabalharem no alinhamento dos próprios corpos da personalidade e destes com a alma, estarão juntos realizando um matrimônio grupal. Cada um faz esse trabalho no próprio ser, individualmente – pois isto é algo entre cada ser e sua alma – mas todos se ajudam mutuamente, procurando exteriorizar em grupo a energia do mundo interior.

Um grupo que se reúne no plano físico é composto de almas que integram outro grupo, muito maior, invisível e interno, com consciência mais abrangente e com uma atividade que se estende por várias dimensões, sendo a material a mais limitada.

Esse grupo interno é constituído de almas que estão fazendo um trabalho semelhante, de união com as respectivas personalidades, ou de almas que já transcenderam essa etapa e se preparam para uniões com níveis profundos do ser.

Quando esquecemos que um grupo não é só um fato externo e objetivo, vemos outros grupos como antagonistas ou concorrentes. Na linha científica, na artística, na educacional, na religiosa ou na econômica, há antagonismo entre grupos por causa dessa incompreensão.

✧

Se nos considerarmos "eus superiores" e, não só, pessoas humanas, vamos descobrir nossa realidade mais profunda e que somos, sim, parte de um grupo interno e universal, grupo que, em certos casos, até transcende os limites da órbita terrestre.

Portanto, em qualquer das três modalidades de matrimônio é preciso que nos consideremos almas em evolução; assim, nos manteremos sempre enfocados em um nível elevado, espiritual. Se, do contrário, nos virmos apenas como pessoas humanas, separadas das demais, corremos o risco de nos iludirmos e desperdiçarmos importante oportunidade de crescimento e de serviço em determinada encarnação.

A decisão

A forma pela qual optamos para empreender a busca da união – sozinhos, em colaboração com outro ser ou em grupo – é muito importante, e pode influir definitivamente em nosso destino.

Por isso, essa decisão não é para ser tomada com base só no que se passa com a personalidade. É a alma, o eu superior que, por viver na consciência universal, sabe como conduzir cada encarnação.

Perguntas como: "Devo permanecer solteiro? Devo casar-me? Devo fazer essa união em grupo?" não encontram respostas corretas e adequadas em nossa esfera humana. Para a escolha certa, tendências e afinidades pouco valem, já que são circunstanciais e circunstâncias são passageiras.

É bom saber que uma personalidade já equilibrada e amadurecida, em princípio, não apresenta preferência

por nenhuma dessas formas de busca, pois já sabe que todas três conduzem à mesma meta, que é interior. Qualquer dessas situações é tida como um serviço, isto é, o indivíduo coloca-se sempre na posição em que pode servir melhor.

Além disso, a alma tem formas inusitadas de nos esclarecer a respeito dos passos que devemos dar, mas humanamente, nem sempre entendemos suas mensagens. Ao nos responder sobre essas questões de união, por exemplo, pode omitir informações que, embora esperadas por nós, podem ser consideradas supérfluas quando vistas a partir de um nível de consciência mais elevado.

Se não obtemos uma resposta clara a essas perguntas, mas, ao mesmo tempo, não surge uma possibilidade de casamento nem de vida grupal, então, podemos concluir que a busca é para ser feita individualmente. Muitas vezes, a resposta está implícita nas circunstâncias da própria vida e se torna óbvia quando permanecemos serenos e imparciais.

Evidentemente, nunca devemos ficar ansiosos. Em certos casos, mesmo se tivermos de permanecer solteiros, poderão surgir ocasiões de casamento dado que, nas vidas passadas, todos nós fizemos muitas ligações cármicas e aqueles a quem fomos coligados podem cruzar de novo o nosso caminho. Mas esses encontros só são evolutivos quando vistos como ligações que estão reaparecendo para serem transformadas ou sublimadas, não para aderirmos aos impulsos naturais, frequentemente bem fortes. Trata-se, portanto, de provas para testar o nosso discernimento.

✧

Humanamente, pouco sabemos sobre a forma que devemos adotar na busca da união. Todavia, aquietados os desejos e as preferências superficiais, poderemos ouvir a silenciosa voz interior, indicando-nos com segurança o rumo certo a seguir.

Tudo o que de real e verdadeiro deve acontecer em nossa vida é regido por leis supra-humanas e, por isso, chega no momento exato e determinado. De nossa parte, é melhor não precipitar os fatos, mas aguardar com serenidade para não agir em sentido oposto ao assinalado pelo eu interno.

Em outras palavras, isso significa que, em nível de personalidade, é sábio aceitar nossa condição atual (solteiros ou casados); a partir daí, as energias vão fazer o que tiver de ser feito e emergirá maior clareza para continuarmos a busca ou para darmos início a ela.

A atitude inicial de desapego, de aceitação básica, de invocação da vontade superior é imprescindível para que esse processo se dê harmoniosamente, sem mágoas e sem conflitos. O desapego, contrariamente às aparências, é uma atitude muito dinâmica, e não passiva como muitos creem.

Diz-se que só compreendemos a função evolutiva de uma situação ou de uma prova depois que a aceitamos. Quando um fato trazido pelo destino de maneira compulsória é inteiramente aceito, o que acontece em seguida estará em consonância com nossa necessidade verdadeira de progredir no caminho espiritual, e isso é o que mais importa para a nossa alma e para o cumprimento do nosso destino cósmico.

Que somos nós?

Agora vamos dar um novo passo no preparo das nossas núpcias internas: tentemos transcender a ideia humana de que somos nós que fazemos nossas próprias experiências nessa vida.

Se nos colocarmos num ponto de vista espiritual, poderemos perceber que é a Vida ou as energias que realizam suas experiências através de nós. É uma falsa impressão, uma ilusão, acreditar que pensamos, sentimos e agimos por nossa própria conta, sem respaldo do eu interior. Na realidade, somos pessoas vividas por uma energia sutil, que é a nossa essência.

Quando identificados só com a mente humana comum, dizemos: "Eu penso assim, eu sinto assim, eu faço assim". Essas são impressões superficiais de quem está numa etapa que, cedo ou tarde, terá de transcender para entrar na evolução supra-humana. Precisamente o matrimônio superior, interno, nos ajuda a efetivar isto. Ele é a porta que nos leva a uma dimensão nova e espiritual, e à manifestação da futura humanidade, mais sutil e universal em seu modo de amar.

Portanto, para os que buscam a união interna, já está-se aproximando essa grande transformação na forma de ver a realidade: "somos vividos, há algo que vive em nós". No Novo Testamento, Paulo de Tarso diz: "Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim". Há milênios, essa nova visão do viver está sendo reconhecida e preparada e, finalmente, começa a tornar-se fato consciente para um número maior de pessoas. Então, nessa sintonia, diremos: "Ele – o eu

superior – age em mim, sente em mim, pensa em mim, vive em mim".

Mas, para transcendermos a visão primária das etapas anteriores, precisamos abdicar de fazer, sentir e pensar como um ente separado; precisamos desistir da ilusão de querer manifestar algo egoísta, de querer impor-nos aos demais e a nós mesmos como personalidade. Ao mesmo tempo, é necessário aspirarmos a que a Vida flua com inteireza através de nós. Dessa maneira, conscientizamo-nos de que há um destino superior para nossa existência e um plano para este planeta onde nos encontramos.

A mente universal, da qual saímos e à qual retornaremos mais experientes, deve viver plenamente em nós, que somos seus prolongamentos e canais por onde deve fluir, a fim de que o mundo seja algo belo, mais evoluído e a Terra inteira seja um planeta harmonioso, uma Nova Terra enfim.

E para haver uma Nova Terra – conforme está destinado, profetizado e já ocorrendo – os seres humanos mais conscientes devem colaborar. Nossa personalidade, nossos níveis conscientes, nossa mente e sentimentos humanos e nossa ação física precisam perceber que chegou a hora de se doarem, de deixarem que realidades sublimes possam exteriorizar-se.

No momento em que deixarmos de ser o que vínhamos sendo para expressar o que realmente somos num nível superior, as energias agirão em nós com liberdade. É isso o que, de fato, transforma o mundo.

Começamos por nos liberar – em consciência – de tudo o que julgamos ser. Feita essa renúncia, que é básica, devemos desapegar-nos com coragem de hábitos e

preferências, para podermos ser, efetivamente, no nível externo, o que somos nos níveis divinos do nosso ser interior.

Em essência, somos livres filhos de Deus, centelhas cósmicas. Então, quando nos tornamos canais disponíveis para as energias superiores do nosso ser agirem, nossas possibilidades se ampliam. Agora, mais conscientes, nos surpreendemos fazendo muitas coisas necessárias, para as quais éramos antes incapazes.

Quando nos dispomos ao Alto, recebemos tanta ajuda, tanto suporte, que o verdadeiramente necessário se faz presente de modo inexplicável; e, depois de tal experiência, já não podemos interromper essa contínua doação de nós mesmos. Renunciando a ser o que vínhamos sendo e deixando a Vida se manifestar em nós, tornamo-nos espectadores dos fatos da nossa existência. Assim, vemos os dias e os anos se sucederem sem tédio nem cansaço, e sem termos a impressão de que o tempo (que tanto atormenta alguns que não encontram esse caminho) está-se esgotando. Integramo-nos, então, no eterno presente, que simplesmente é, que existe desde sempre e para sempre.

E, quando finalmente o matrimônio interior se consuma em nós, passamos a viver como almas libertas da ilusão e do sofrimento material. A partir daí, transcendemos as limitações que, por tanto tempo, experimentamos, estamos livres para ser o que somos em nossa mais profunda essência.

A Única Coisa Necessária

Primeiro, admiramos o firmamento
externo das noites estreladas;
depois, o firmamento interior
dos valores essenciais.

Ação silenciosa

Vivemos em uma época de insegurança psicológica e material quase generalizada. Muitos não encontram mais apoio em instituições ou organizações deste mundo concreto. Já perceberam que atualmente só podem sentir-se seguros no nível espiritual, área da consciência que fica além do corpo físico, das emoções e da mente. É nesse nível que se encontra o eu superior, a alma, núcleo de consciência universal presente em todos.

Chamamos de segurança o estado que quase todos buscam, mas essa não é a palavra que melhor traduz o que experimentamos ao contatar os níveis espirituais. Nesses níveis sutis de consciência, tudo é tão dinâmico que não existe a estabilidade ou a tranquilidade como normalmente as entendemos.

Que tipo de segurança, então, necessitamos?

A propósito da segurança que surge da nossa sintonia com os níveis superiores, há uma passagem bastante esclarecedora narrada no Novo Testamento. Numa de suas viagens, Jesus hospedou-se na casa de duas irmãs chamadas Marta e Maria. Quando chegou, Maria sentou-se aos seus pés, recostou a cabeça em Jesus e aquietou-se. Marta, ao contrário, agitava-se em

muitos afazeres: varria a casa, preparava a comida, movimentava-se sem cessar. Notando que Maria permanecia quieta, Marta perguntou a Jesus:

– Mestre, não vês que minha irmã me deixou só, com o serviço da casa? Dize-lhe, pois, que me ajude.

Jesus respondeu:

– Marta, Marta, andas inquieta com muitas coisas, mas uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, e esta jamais lhe será tirada.

Nesse breve episódio, vemos a importância da quietude, do silêncio e da solidão para encontrarmos a "melhor parte". Seria ela a segurança tão buscada hoje em dia e não mais encontrada externamente? Na verdade, essa atitude contemplativa pode não só nos levar ao equilíbrio, como à nossa verdadeira ação e à nossa meta na vida, que nem sempre conhecemos. Consequentemente, a quietude possibilita-nos não só viver bem, mas ser úteis no mundo nesta época tão carente de tantas coisas e valores.

Mas, como pode alguém ser útil estando quieto? Essa é uma das mais preciosas descobertas que uma pessoa pode fazer.

Quietude, silêncio e solidão

A quietude, o silêncio e a solidão de Maria não significam inação ou inércia. Uma pessoa nesse estado de calma pode agir de forma mais dinâmica e poderosa do que alguém que se agita. Mas, então, que significam?

Tal quietude diz respeito à ação interior, desinteressada, que não visa a reconhecimento, a gratidão ou sequer a ser notada. No episódio bíblico que narramos, Maria estava simplesmente quieta, sem necessidade de demonstrar o que fazia, ao contrário de Marta, que trabalhava e chamava a atenção para o fato de estar sendo útil. Essa quietude, esse recolhimento, é uma força que poucos conhecem.

Dizem que foram os dois mil monges silenciosos, contemplativos, habitantes das grutas de Monte Athos, que há mil anos garantiram, com sua irradiação espiritual, que o planeta não se desintegrasse em meio aos ataques de certas forças caóticas alimentadas pela dispersão em que vive quase toda a humanidade.

E que significa uma atitude silenciosa? Silêncio é só ficar calado, sem dizer nada? É mutismo? Se fosse assim, ambas as mulheres do episódio bíblico poderiam ser consideradas silenciosas, pois não estavam conversando. Mas, na verdade, silêncio é mais do que isso. Marta, que observava a outra e a criticava mentalmente, embora estivesse calada, não estava silenciosa. Maria, que permanecia sentada e não procurava controlar a irmã, essa sim estava silenciosa e, segundo Jesus, escolhera a melhor parte. O silêncio é um estado interno em que não há críticas, nem desejos, nem cobranças ou interferências.

E a solidão? Segundo esse episódio, é a consequência do silêncio e da ação desinteressada. Quando quietos e silenciosos, não desejamos, não criticamos, não comparamos: estamos estáveis em nós mesmos, não divididos, e nos sentimos unos com tudo o que nos cerca. Nesse estado, experimentamos ser uma perfeita unidade, isto é, reconhecemo-nos solitários.

Quem é, desse modo, solitário reúne energia em si, pois toda a sua potência fica concentrada no interior do ser e é irradiada para o mundo como bálsamo ou como poder de reconstrução.

Expansões

A lição que se tira da resposta de Jesus é a de que a única coisa necessária é estar quieto, silencioso e só, embora, como Maria, em convívio com outros. E como consegui-lo? Abandonando interesses pessoais e egoístas e passando a interesses mais amplos; colocando as necessidades de outros, de grupos e do planeta em que vivemos acima das necessidades pessoais, que nem sempre são verdadeiras, mas produto de hábitos e vícios.

Essa ampliação da consciência pessoal para a consciência de grupo e de realidades ainda mais amplas é um trabalho cujo resultado depende das intenções da pessoa. Às vezes, é um longo caminho, que se dá por etapas.

Vejamos um exemplo: a construção de uma casa pode ter diferentes conotações nas diversas etapas de desenvolvimento de uma pessoa. Na primeira delas, aspira-se a uma casa própria e constrói-se essa casa para morar como se idealizou. Trabalha-se por interesses materiais visando à satisfação de desejos e de necessidades individuais. É uma fase importante no princípio da evolução.

Numa segunda etapa, constrói-se a casa não exatamente para si, mas para os filhos, para a família, para aqueles a quem se quer bem – constrói-se a casa para

pessoas com quem se tem afinidade. E isso também pode ser muito importante.

Na etapa evolutiva seguinte, constrói-se a casa com finalidades altruístas: uma causa filantrópica, uma ideia elevada. A casa é, então, usada em benefício de muitos. Esse já é um ponto de evolução mais avançado que os anteriores. Atos altruístas liberam a pessoa de certos débitos cármicos e permitem-lhe ingressar numa etapa posterior, etapa muito especial.

A etapa almejada

No exemplo tão simples da construção de uma casa, encontramos as fases por que passa o senso de propriedade, do uso que se faz das coisas materiais. A primeira e a segunda etapa correspondem à atitude de Marta.

E qual seria a etapa almejada, que vem depois desse desenvolvimento da consciência? Seria a manifestada por Maria, que não tinha preocupação de fazer nada para si nem para alguém em especial. Ela não queria bem algum, pois sentia o bem no seu próprio interior – mantinha-se no bem em si e estaria sempre bem onde quer que fosse. Aos pés do seu Irmão Maior, Jesus, Maria representa esse estado de profunda união, estado de quem nada deseja. O ser de Maria, por estar inteiro e unido, participava do que acontecia ao redor, mas não como Marta. Como nada desejava, estaria bem em qualquer parte e livre do que sucede exteriormente. Encontrava-se recolhida, em união com aquela que varria e também com o instrutor sentado ali ao seu lado.

Quando estamos internamente unidos, não divididos e, portanto, quietos, em silêncio e solitários, entramos em outra ordem de coisas, uma ordem espiritual. Ao cumprir a única coisa necessária, já não lutamos pela vida: todo o bem é reconhecido como realidade dentro de nós mesmos.

Sentindo-se em casa dentro de si, Maria não almeja construir casa alguma. Seu ser está livre para viver em qualquer parte.

Por estar em quietude e unida, não necessita observar Marta e suas ações. Nela, não há crítica, não há desejos, nenhuma cobrança em relação ao próximo.

Maria, que praticava a única coisa necessária, embora permanecesse ali sentada, não estava inerte. Segura, inteira no que vivia, sem exigências, mantinha-se em paz, estável nos níveis superiores de consciência. Assim como estava sentada, poderia estar varrendo, cozinhando, lavando ou executando qualquer outra tarefa externa, pois a única coisa necessária não é o que fazemos praticamente, mas a atitude de silêncio interior, a quietude e a solidão em todas as atividades que realizamos.

Assim, nos preparamos para ações que poucos estão aptos a cumprir, ações que exigem imparcialidade, não envolvimento com exterioridades, precisão e inteireza na ajuda ao mundo e às pessoas.

A Cura dos Apegos

No caminho interior, as únicas bagagens necessárias são o amor e a prontidão para servir. Acima da mente, há uma luz indicando a direção segura.

Nada termina

Sabemos que o apego é um obstáculo que, um dia, todos teremos de superar. Surge quando não compreendemos o lado interno da vida, quando não estamos em contato com a essência das coisas. Por falta desse contato, ficamos habituados, acostumados à forma que reveste toda e qualquer essência, e nos apegamos a ela.

Em nosso convívio com os demais, é como se considerássemos somente o corpo, o rosto, a personalidade, esquecendo-nos de que, em sua verdadeira essência, eles são almas e de que, como almas, estão presentes em todos os lugares.

Muitos de nós gostaríamos de nos tornar mais desapegados. Mas como fazer isso? Como encontrar a essência das coisas, como não nos prender a aparências?

Temos muitos vícios de pensamento e hábitos de linguagem e chegamos a dizer coisas que, se pensássemos melhor, veríamos que não correspondem à realidade. Dizemos, por exemplo: "Aquela espécie de pássaros desapareceu"; ou: "Aquele homem morreu"; ou ainda: "A antiga civilização grega deixou de existir", e assim por diante. Na verdade, é um engano dizer que as coisas acabam ou morrem, pois não é isso o que de fato acontece: é a essência das coisas que transmigra, que sai

de uma forma e entra em outra. E quando a essência transmigra, a forma da qual se retirou fenece.

Portanto, nada acabou quando uma espécie de pássaros já não é vista no plano físico. E nada acabou quando se diz impropriamente que uma pessoa morreu. Tampouco a essência da antiga civilização grega acabou só porque terminou aquele período áureo da história da Terra, nem a Atlântida acabou por não existir mais como continente físico e visível.

Dentro das novas espécies de pássaros que vão surgindo, permanece a essência das espécies extintas; e dentro das pessoas que estão nascendo hoje encontra-se a essência que habitava corpos de outras épocas.

Na arquitetura atual está presente, de certo modo, a essência das civilizações anteriores, mesmo que não haja delas nenhum elemento concreto. Quanto à Atlântida, está ainda viva em cada pessoa que permanece emotiva, pois a essência daquela civilização sempre foi a emotividade.

Assim, podemos perceber que a essência de todas as formas desaparecidas transmigra para outras que podem ser mais perfeitas. Nada se perde, tudo evolui. Ter consciência disso é o primeiro passo para nos desapegarmos das formas externas, concretas. Depois, numa segunda etapa, desapegamo-nos de coisas mais sutis como, por exemplo, as afetivas.

Desapego da atividade

A vida pode levar-nos a mudar de atividade externa frequentemente. Em certas circunstâncias, podemos

ficar numa profissão algum tempo e depois ir para outra bem diferente. Mas, se o que nos move é a intenção de evoluir e de servir melhor, e não alguma predileção pela forma externa do trabalho, podemos perceber continuidade mesmo quando passarmos para uma atividade aparentemente oposta. Nossa intenção de servir e de melhorar, e não a forma externa das atividades, é o fio que pode interligar as diferentes etapas por que passamos, dando-nos impressão de coerência e harmonia em vez de percalços e contrastes.

Se consideramos as mudanças com superficialidade, como se fossem incômodas, as transformações podem parecer-nos drásticas. Entretanto, se as vemos com mais atenção, percebemos que não há diferença alguma entre as várias atividades quando as exercermos com o mesmo espírito. O espírito com que se fazem as coisas, isso é o importante – e não tanto o que se faz. O espírito, a intenção, é o que traz unidade.

Assim, pouca importância tem saber quais foram as nossas atividades passadas, assim como pode ter pouca importância saber sobre nossas vidas anteriores. As diversas fases nada mais são que breves momentos de uma extensa trajetória evolutiva.

Há pessoas que se distraem e se contentam rememorando fatos e tentando descobrir como foram suas vidas passadas, mas o importante seria descobrirem o que não muda, vida após vida, o que une todas as encarnações. É a busca da nossa essência interior que nos desvela a meta da existência, a ligação de todos os fatos e episódios que vivemos, por mais variados que sejam.

A perpétua existência

Convivem harmoniosamente no universo energias que constroem e energias que destroem. As primeiras criam e alimentam formas – uma atividade, a encarnação de uma pessoa, os ciclos de uma civilização, por exemplo. As últimas possibilitam que a essência abandone as formas que já não lhe correspondem, que estejam limitando sua expressão. Destroem para libertar.

Ambas as energias são necessárias para que a vida prossiga seu curso.

Se não houvesse a energia que a certa altura destrói nosso corpo, que é apenas a forma externa que tomamos em determinada encarnação, como seria possível para a essência que o habita continuar um ciclo criativo numa próxima vida e progredir?

Terminado um ciclo, a essência precisa de formas mais perfeitas para manifestar-se de novo. Em termos planetários, se não houvesse a energia que provoca cataclismos e faz com que uma civilização desapareça, como a essência daquela civilização poderia reaparecer de maneira mais perfeita em outra, posterior?

Como poderia o espírito que nos move realizar um trabalho de crescente qualidade se, a certa altura, não surgisse outra forma para ele animar?

A superação dos apegos

Uma lição de desapego foi vivida pelo filósofo Krishnamurti quando seu irmão, de quem se sentia

muito próximo, desencarnou. Os dois eram companheiros e muito unidos. Krishnamurti sentiu fortemente a sua falta. Não tinha mais a sua presença física, não via mais diante de si a sua forma humana. Sofreu muito porque, até então, não havia aprendido a perceber a essência invisível do amado irmão.

Numa bela poesia que escreveu sobre essa passagem de sua vida, Krishnamurti relata como tentou, inutilmente, amenizar seu sentimento de perda. Percorreu os lugares onde passeavam juntos e, em nenhum deles, conseguia reencontrar o irmão. Depois, começou a procurá-lo no rosto de todas as pessoas, mas não o via em nenhum. Procurou o irmão em todas as coisas e recantos, nas casas em que tinham morado e, em lugar algum, o achava.

Foi então que, cansado de penar pela sua ausência, num momento de inspiração, se voltou para dentro de si mesmo e descobriu, em seu próprio coração, a presença do seu irmão, imperecível.

Desse modo, curado de suas profundas dores, teve uma experiência totalmente inesperada como acréscimo: também no próprio coração descobriu todos os seres que os homens chamam de vivos e todos os que chamam de mortos.

A cura dos apegos soluciona os mais diversos problemas. Por meio dela, podemos encontrar resposta para muitas perguntas: "Como perceber a essência do que nos rodeia?" "Como não perder a harmonia e a beleza que conhecemos em antigas civilizações?" "Como não perder o amor dos que desencarnam?" "Como não nos sentirmos inativos se nosso trabalho termina ou é interrompido, ou se ficamos impossibilitados de traba-

lhar por algum motivo?" "Se perdemos bens materiais, como não nos sentirmos privados deles?" "Como, enfim, encontrar a essência das coisas?"

A resposta para todas essas perguntas é uma só: ir para dentro do próprio coração, para dentro do próprio ser. Lá a consciência da alma, que é universal, desde sempre nos aguarda.

"Como faço para me desapegar de uma ideia?" Vá para dentro, para o seu coração. "Como faço para me desapegar de minha atual maneira de ser?" Vá para o seu coração. "Como faço para me soltar do que me prende?" Vá para o seu coração, na direção do seu centro. "Como faço para transcender os meus defeitos?" Vá para a sua essência, para o seu coração. "Como faço para superar os meus complexos?" Vá para o seu coração, para dentro de si, para o seu ser profundo. "Como faço com essa enfermidade que os médicos não sabem tratar?" Busque luz em seu coração. "Como faço com meus filhos, que não sei educar?" Vá para dentro do seu ser, e lá encontrará o amor para tratá-los. "Como faço para preencher o vazio que sinto em minha vida?" Vá para o seu coração. "Como faço para resolver a minha insegurança, os meus medos?" Vá para o seu coração.

É no coração que se curam os apegos, porque ali está a essência de tudo. Ali nada nos falta.

Se vou para o meu centro, encontro a essência não só de uma casa, mas também a de um irmão, a de uma espécie de pássaro, a de uma roupa que estou usando. É então que as várias aparências se equivalem, e tanto faz se um pássaro canta aqui ou acolá, tanto faz se moro aqui ou acolá, tanto faz se vejo diante de mim

um irmão consanguíneo ou outro ser, porque posso amar a todos igualmente.

As dificuldades são resolvidas de forma simples quando nos é dado penetrar a essência das coisas, quando, enfim, conhecemos a força universal do próprio coração.

Optar por Viver

É a decisão de permanecer com firmeza na posição correta que traz a vitória e revela o verdadeiro poder do homem: o poder de conquistar a si mesmo.

A flexibilidade do destino

Nesta época, o número de pessoas abertas e dispostas a servir à humanidade é muito reduzido em proporção à grande necessidade existente. A messe é imensa e os ceifadores são poucos. Portanto, toda decisão de aderir ao serviço evolutivo é preciosa.

Enquanto vivemos o cotidiano presos a fatores cármicos e humanos, a assuntos pessoais, preocupados em acumular bens, em preservar patrimônios, em autoafirmar-nos, ainda não somos realmente úteis à evolução espiritual do universo. Mas, se percebemos que existe uma evolução superior na qual é possível ingressar bem conscientemente, a partir daí podemos trabalhar para a realização do que está previsto para o planeta e para a humanidade.

Ser útil a esse Plano evolutivo nem sempre é produzir muitas coisas, mas sim, fazê-las com qualidade, considerando o bem de todos. Agindo assim, o desenho traçado para a nossa encarnação pode mudar e apresentarem-se oportunidades de imprevisível crescimento espiritual.

Quando despertamos para a existência de leis espirituais e compreendemos que elas não são totalmente fixas, entendemos melhor o que acontece no

decorrer da vida dos que estão dispostos a servir à humanidade. Se há essa disposição, surgem oportunidades facultativas, ou seja, oportunidades que são apresentadas ou não, a depender das escolhas feitas ao longo da encarnação. Assim, a passagem pela Terra pode tornar-se preciosa como colaboração ao desenvolvimento interior de todos.

Três datas

Antes mesmo de sairmos do útero materno, a data da nossa partida deste mundo já está marcada. Nos planos superiores, que estão fora do tempo e do espaço, a tarefa para aquela encarnação é identificada, e as condições para o seu cumprimento preparadas: os corpos que vamos necessitar, os ambientes em que vamos viver, os encontros que teremos com outras almas e o tempo requerido para levarmos a cabo a tarefa. Com base nesse tempo, é marcada a data da partida.

Entretanto, apesar de haver essa data básica, ela não é imutável – pode ser antecipada ou adiada, segundo o que vamos fazendo ao longo da vida. Sabe-se que há pelo menos mais duas opções: uma antes e outra depois da data básica. A escolha entre as três é feita pela alma que, para isso, se fundamenta em nossas ações.

Nossa vida sobre a Terra está inserida em esquemas mais amplos do que podemos pensar. Nossas ações repercutem no universo, às vezes até na vida de outros e de grupos, e muitos acontecimentos estão relacionados às decisões que tomamos. Há momentos críticos em que precisamos usar de modo especial o discernimento para tomar o caminho correto.

A data da nossa partida é influenciada pelas opções feitas nesses momentos.

Antecipação da partida

Nossa alma pode optar por desencarnar antes da data prevista quando vê que a personalidade não só reluta em seguir o caminho traçado para ela como, também, age de modo negativo, chegando a comprometer as encarnações futuras.

Ilustramos essa situação com o caso de uma jovem de 16 anos que conhecemos. Tinha todas as possibilidades para evoluir: era inteligente, culta, simpática, tinha um corpo saudável, recursos materiais e pais que a ajudavam em tudo. Estava, enfim, numa encarnação muito favorável, sob uma conjuntura rara e benéfica. Aproximou-se, porém, de um grupo de viciados em drogas e se uniu ao líder desse grupo. Em poucos meses estava incapaz de usar seus dotes e suas novas condutas começavam a abalar o cérebro e alguns órgãos, bem como os centros etéricos do corpo.

Quando as encarnações seguintes estavam prestes a ser prejudicadas com tal comportamento, a alma antecipou sua partida. A jovem, então, faleceu num acidente que era opcional em seu destino.

Adiamento da partida

A alma pode também optar por partir numa data posterior à básica. Isso ocorre quando a personalidade adere com tanta inteireza ao caminho evolutivo que se

torna apta a desempenhar tarefas mais amplas que as programadas para a encarnação em curso.

Um exemplo de adiamento da data da partida é o de uma pessoa que deveria falecer aos 38 anos, num acidente automobilístico. Aos 24 ela havia decidido doar-se inteiramente ao Plano evolutivo, custasse o que custasse. Quando chegou o momento previsto para o acidente, estava guiando um automóvel, à noite, numa estrada estreita, e viu um caminhão vindo em sua direção, a grande velocidade e na contramão. Mas, quando parecia que o caminhão iria chocar-se com o seu automóvel, ocorreu um fato inexplicável: num curtíssimo lapso de tempo, ele se deslocou para o lado, para a mão correta, como se nada de errado tivesse acontecido.

A decisão interna de servir à humanidade, tomada aos 24 anos, foi o que mudou o destino da pessoa e permitiu que a encarnação prosseguisse.

Outra situação em que a vida se prolonga é quando uma tarefa evolutiva não pode ser cumprida no tempo previsto, por circunstâncias alheias à vontade de quem a realiza. Foi o que ocorreu com Alice A. Bailey, conhecida autora de livros esotéricos, que permaneceu neste mundo por mais alguns anos, até terminar o programa previsto pela Hierarquia espiritual de que fazia parte.

Decisões determinantes

A firme decisão de servir pode promover grandes remanejamentos em nosso destino. Créditos cármicos

reservados para encarnações futuras podem ser antecipados e débitos atenuados pelas nossas ações positivas ou postergados a um momento em que estejamos fortes o suficiente para suportar pagá-los. Assim, enfermidades são, eventualmente, amenizadas ou evitadas, circunstâncias favoráveis criadas e até a partida deste mundo adiada.

Há o caso de uma pessoa que tinha um carma bastante negativo: assassinara alguém numa vida anterior e estava, por isso, destinada a ter uma enfermidade fatal e extremamente dolorosa. Quando se conscientizou da necessidade de equilibrar suas ações do passado, começou a fazer o bem de forma muito pura e intensa. Como resultado, a enfermidade, embora tenha sido contraída no tempo previsto, não foi dolorosa.

Ressalte-se, porém, que o remanejamento cármico devido a decisões positivas não vem como favor ou prêmio. Vem para servirmos mais e melhor. Não é algo, portanto, a ser "negociado" com o Espírito. Se a decisão for tomada com esse intuito, o remanejamento poderá não ocorrer ou não ser tão libertador.

Quando a vida nos apresenta oportunidades de exercer melhor o livre arbítrio, podemos decidir colocar tudo o que somos a serviço da evolução espiritual do universo. E quem, por sua vez, decide o que vai suceder depois dessa oferta não é o ego humano, mas a alma, que conhece nosso destino e sabe o que nos cabe realizar. A partir daí, os mais inusitados caminhos podem abrir-se.

A Busca da Serenidade

O ideal permanece no mais íntimo do ser como cenário protetor, enquanto os acontecimentos se desenrolam no teatro da vida.

Onde está a serenidade?

No decorrer da vida, podemos perceber que, para estar sadios, é importante cultivarmos a serenidade. Mas como conseguir isso? Como não nos deixarmos afetar pelo que sucede à nossa volta?

Primeiro, temos de tomar consciência de que a serenidade é um estado interno e, portanto, nada que esteja fora de nós deve ser empecilho para o manifestarmos. Podemos desenvolvê-lo quando adquirimos neutralidade diante dos acontecimentos e seguimos nosso caminho sem dispersão ou desordem. Quem conquista essa atitude, se torna como uma fortaleza e não se abala com circunstâncias.

A serenidade não depende de fatores externos; por isso, é inútil buscá-la em pessoas, em situações ou em ambientes. Só pode ser encontrada dentro de nós. Por outro lado, o mundo é o nosso campo de trabalho para exercitá-la. A vida atual, tão atribulada para a maioria, é uma prova para testar o grau de serenidade que podemos atingir e, ao mesmo tempo, um estímulo para robustecê-la. Vários fatores podem contribuir para nos tornarmos serenos e um deles é a superação do medo, como veremos a seguir.

O sentido de imortalidade

Um meio de conquistar a serenidade nos é dado no período em que nos encontramos desencarnados. Entre uma encarnação e outra, desenvolvemos o sentido de imortalidade porque, só então, nos percebemos no eterno presente e nos reconhecemos como seres imortais. Sem estar no efêmero corpo físico, mas sim em outra realidade temporal e espacial, experimentamos uma vida que nos parece mais ampla e plena.

Nesse período, compreendemos também que a transição chamada "morte" é apenas o despojamento dos corpos materiais que usamos em nossa passagem pelo mundo físico. Assim, cientes de que não há morte, o medo vai desaparecendo e a serenidade se instalando.

Quanto mais longo for o intervalo entre as encarnações, mais profundamente se consolida essa nossa percepção da imortalidade. Embora a maior parte dessa percepção vá para o nosso inconsciente quando encarnamos de novo, ela nos dá possibilidade de reingressar na vida material serenos.

Ultimamente, o intervalo entre as encarnações não tem sido longo o bastante. Muitas almas imaturas, que seriam beneficiadas por períodos mais longos fora do mundo físico, não usufruem esse tipo de repouso e de restauro por serem logo atraídas de volta ao plano terrestre, pela grande densidade energética em que hoje se acha o planeta e muitos dos seus seres. Isso agrava a falta de serenidade que costuma reinar neste mundo. Mas há também as almas evoluídas que renunciam a ficar desencarnadas, na situação privilegiada de

níveis de existência harmoniosos, para retornar à Terra e prestar auxílio nesta época de tantas necessidades. Essas almas, entretanto, já se tornaram mais serenas pela vivência do altruísmo e são de grande ajuda para as demais.

Vida ritmada

Outro fator que nos ajuda a desenvolver a serenidade é estabelecermos um ritmo ordenado e harmonioso em nosso dia a dia.

A maioria das pessoas não cuida disso espontaneamente e, para que possam desenvolver ordem e disciplina, quase sempre a vida lhes apresenta um ritmo compulsório: horários rígidos a cumprir, emprego fixo, relógio de ponto, dias certos de repouso e assim por diante. Mas quem voluntariamente distribui as atividades em horários regulares, de modo flexível e com atenção à ordem, tem como resultado um cotidiano que facilita a serenidade.

Ao nos adestrarmos na disciplina de uma vida ritmada, deixamos de ficar ansiosos para que as coisas comecem ou terminem segundo nossas expectativas, quase sempre sem fundamento real. Assim, podemos canalizar a atenção, o pensamento e o sentimento para o momento presente e não para um futuro que imaginamos. É a partir daí que a rotina diária não mais nos incomodará e, finalmente, poderemos perceber que a vida jamais termina – nossa existência, então, liberta-se dos limites do tempo.

Quanto mais organizado o dia se torna, mais penetramos o eterno presente sem, nem ao menos, nos darmos conta de como isso ocorre. O ritmo das atividades se desliga de acontecimentos fora de nós e começa a expressar realidades internas. A pausa entre duas atividades torna-se, então, um reflexo dos intervalos entre as encarnações. Quando aprendemos a usar nosso tempo livre adequadamente, chega ao nosso consciente aquela percepção da imortalidade colhida nos ciclos que vivemos desencarnados e o medo começa a ser dissolvido dentro do nosso ser.

Vivendo o ritmo diário com sabedoria, aprendemos a usar o tempo corretamente. Isso permite que, ao iniciarmos uma nova tarefa, nos sintamos restaurados. E, mesmo quando necessitamos de repouso, nosso estado físico já não será de desgaste ou inquietação, porque evitamos dispersões e permanecemos inteiros, atentos ao que estávamos fazendo. Desse modo, os períodos de renovação, tais como sono e repouso, têm efeitos mais abrangentes.

Nos tempos antigos, havia cerimônias e ritos religiosos que auxiliavam o despertar para uma vida ritmada. Hoje, porém, o caminho é considerarmos o próprio cotidiano um cerimonial, torná-lo ordenado e, portanto, em condições de nos levar ao encontro da serenidade.

Alinhamento com a alma

O modo mais seguro de alcançarmos a serenidade é pelo alinhamento da nossa consciência humana,

exterior, com os níveis espirituais, os níveis da alma. Isso pode ser conseguido mais facilmente depois de termos imprimido um ritmo harmonioso na vida diária. Condições propícias para isso são criadas quando aperfeiçoamos o caráter, até mesmo no que diz respeito a certos costumes.

O cérebro precisa tornar-se adequado para esse alinhamento. Podemos prepará-lo ao retirar de nossos hábitos o uso do álcool e do fumo, como ao levar em conta que a alimentação gordurosa e o excesso de açúcar também prejudicam o seu funcionamento.

Finalmente, devemos prover ao corpo suficiente repouso: períodos de esforço prolongado impedem que o cérebro tenha a prontidão necessária para registrar o que a alma tem a dizer.

Conseguimos esses requisitos básicos quando reservamos um momento durante o dia para estar em quietude. Nesse momento, com o cérebro descansado, assistimos ao que se passa na mente. O que faremos a partir daí, vai depender do nosso temperamento e do tipo de pensamentos que emergirem. Podemos, simplesmente, vê-los passar ou procurar transformá-los. Com o tempo, os pensamentos vão-se acalmando e entramos, então, em outra fase: a de observar a respiração, sem interferir, entretanto, em seu ritmo natural.

Esse aquietamento deve ser realizado sem preocupação com resultados. Podemos praticá-lo durante anos a fio, aparentemente sem resultado algum. Mas, um dia, nos damos conta de que nossa mente ficou mais calma, mais concentrada, e nos encontramos serenos por fim.

Os resultados de todo esse trabalho fogem ao nosso controle. Se persistirmos sem ansiedade, muitas coisas positivas e inusitadas podem começar a acontecer em nossa vida.

O portal do serviço

Lembremos também que a serenidade é um dom espiritual e que uma forma direta de encontrá-la é nos tornarmos receptivos à vocação básica da alma, que é servir.

O intervalo entre encarnações, a vida ritmada, o alinhamento com a alma, tudo isso ocorre conforme o serviço que temos a prestar neste mundo.

Mantermo-nos conscientes de que nossa vocação mais íntima e profunda é servir desinteressadamente predispõe-nos à serenidade. Desse modo, reconhecemos que não estamos no mundo simplesmente para fazer as coisas da forma egoísta como quase todos fazem, nem para fazê-las melhor que nossos semelhantes.

Estamos encarnados para realizar o que nos cabe na vida, algo que pode ser simples mas que é, sem dúvida, essencial.

Esse serviço é um portal para a serenidade. É que, quando temos uma meta espiritual e altruísta – uma meta evolutiva – e quando nos dispomos com todo o nosso ser a cumpri-la, a vida diária se torna prolongamento da calma interior.

O Que Não se Pode Prever

Quando se usa a própria luz
para fazer brilhar a luz dos outros,
ela um dia resplandece
em todos.

O contato com a alma

O reino humano está numa etapa evolutiva intermediária entre o reino animal e o reino espiritual. Do animal trazemos os instintos, como, por exemplo, o de reprodução e o de autopreservação. Do reino espiritual recebemos o chamado para o serviço cada vez mais universal, vocação de todas as almas que despertam.

Se quisermos avançar no caminho evolutivo, precisamos encontrar dentro de nós esse núcleo profundo, que é a alma. É o contato com ela e a inspiração dos níveis espirituais que nos permitem servir livremente, doar-nos à vida universal.

A prática de ações abnegadas e o serviço compreendido como doação de si à meta que a alma conhece trazem o fluir de energias sublimes para a Terra. Fortalecem os ideais elevados e o altruísmo.

O serviço pode manifestar-se nas mais variadas atividades, sejam elas internas ou externas, mas não se pode prever a forma que tomará. Não podemos programar mentalmente as ações pelas quais a energia do serviço se expressará, pois são determinadas interiormente. Sendo o contato com a alma a via do puro e correto serviço, é esse contato que, em prin-

cípio, devemos buscar e a forma de servir nos será mostrada como consequência.

Na etapa preparatória para o serviço, a alma proporciona ao corpo físico, ao emocional e ao mental oportunidades de purificações; o carma pessoal vai-se equilibrando, vai-se ajustando a novas conjunturas, padrões de conduta impessoais vão sendo reconhecidos e potenciais latentes dinamizados.

Quando o serviço flui

Se estivermos buscando ou escolhendo o tipo de serviço a prestar, impedimos o fluxo da energia da alma sobre nossos corpos e, portanto, sobre a nossa ação. Quando temos uma ideia preconcebida de como servir, a alma não pode agir com liberdade; e só ela conhece o tipo de energia espiritual que pode canalizar para a obra em dado momento, e a quem dirigir essa energia.

O serviço também fica limitado se tentamos ajudar os outros indiscriminadamente, sem conhecer suas reais necessidades. Movidos só pela boa vontade, podemos interferir no caminho das pessoas, desviando-as de seu verdadeiro destino. Só ajudamos efetivamente firmando contato com a nossa alma, pois, assim, ela pode usar-nos como instrumento. E se estimularmos os demais a também entrar em contato com a própria alma, ela mesma os levará a superar os problemas que possam estar enfrentando.

Outro obstáculo ao serviço é o hábito da autoavaliação. Se nos pomos a analisar a energia espiritual que

flui através de nós, se procuramos avaliar o progresso do outro diante da ajuda que lhe estamos dando, se tentamos identificar o que provém da alma segundo padrões humanos, condicionamos com nossas ideias o que flui de um nível superior e desconhecido.

A autoavaliação limita o serviço espiritual, elimina a imponderabilidade que lhe é própria. Transforma-o em um ato racional e humano, ainda que bem intencionado. Embora possa ser positiva enquanto desenvolve em nós a precisão em reconhecer nossos defeitos e enquanto estimula a humildade, torna-se limitante quando, por causa dela, nos julgamos inadequados para certas tarefas.

Lembremo-nos de que, quando assumimos uma tarefa movidos pelo impulso da alma, temos ajudas especiais nos momentos adequados.

Enfim, a energia espiritual começa a fluir sem embaraços quando entramos em quietude e em sintonia com a alma. Nesse estado, o serviço se realiza por nosso intermédio, independentemente de nossa participação consciente. Tornamo-nos instrumento da alma e assistimos, imparciais, ao que se desenrola, sem interferir, embora sempre prontos para, se preciso, mudar as coisas.

Com harmonia e tranquilidade, percebemos claramente que somos meros veículos para o trabalho da alma sobre a Terra. A ação que nos cabe é a de permanecer em sintonia com ela e retirar da mente qualquer conceito sobre o que seria uma ação útil. Devemos abandonar toda preocupação por resultados, pois são sempre imprevisíveis.

A preparação para o serviço

Podemos ser continuamente preparados para o serviço, pois sempre temos o que aprender e o que purificar em nós mesmos. Estamos a todo instante aprendendo com a energia que flui do Alto e com o próprio serviço, que pode ampliar-se, introduzindo-nos em novos campos de aprendizagem. Nunca ficaremos estagnados em algum ponto do caminho se nos mantivermos abertos para o que há de mais elevado em nós e se cultivarmos o desapego.

O desapego é essencial na preparação para o serviço: desapego pelo tipo de serviço a ser prestado, desapego pelo que sucede enquanto servimos, desapego pelos resultados, desapego pelos pontos evolutivos já alcançados – quanto mais desapegados nos mantivermos, mais clareza teremos e mais abrangente será a obra realizada por nosso intermédio.

O desapego também é essencial para estarmos atentos ao momento presente. O momento presente contém todas as condições para o serviço ser bem realizado. Lamentar o passado ou divagar a seu respeito e conjeturar sobre o futuro distancia-nos da realidade e perturba o momento presente.

Quando há desapego, ele não nos leva à frieza ou à indiferença; ao contrário, leva-nos à plenitude interior e libera os que, de alguma forma, estão em contato conosco. O desapego abre canais e, assim, o que vem do Alto pode fluir livremente em nossa consciência e em nossos corpos: o físico, o emocional e o mental.

A preparação para o serviço requer também outros ajustes em nossa personalidade.

Para estar em boas condições, o corpo físico precisa de vida ritmada e de organização no tempo e no espaço. Disciplina e horários a cumprir no dia a dia ajudam a harmonizá-lo e a torná-lo receptivo à energia anímica. Além de ampliar sua capacidade, essa energia é equilibradora.

Quanto ao corpo emocional, é preparado sobretudo pelo cultivo sadio da devoção e da fé – sentimentos que nos predispõem a uma vida espiritualizada. Reprimir emoções sem purificá-las e sem encaminhá-las para um objetivo superior, de nada adianta. É preferível reconhecê-las, transformá-las e, se for o caso, expressá-las com discernimento. Nossas reações emocionais não devem prejudicar os outros, por isso, precisamos invocar a energia do amor-sabedoria, que vem da alma, para permeá-las. O amor-sabedoria é curador e o corpo emocional foi criado para ser veículo dele em benefício das pessoas e do mundo.

Mas as emoções podem também ser trabalhadas indiretamente, por meio da vida física ritmada e da mente dirigida para níveis superiores. Isso porque o corpo emocional é muito fluido, instável e passível de influência dos demais corpos. Equilibra-se com o tempo, à medida que eles vão entrando em harmonia.

Quanto à mente, é ajustada quando se ocupa com ideias superiores e quando segue impulsos internos – tanto os que vêm de nosso próprio ser, como os de alguém inspirado. A obediência a esses impulsos traz ideias claras e pensamento reunido.

Se formos devotos das nossas melhores qualidades e obedientes aos sinais que a vida nos apresenta, e se estivermos prontos para seguir os imprevisíveis ditames da alma, seremos um bom veículo para as energias espirituais permearem a vida material. Estaremos, então, de fato servindo à humanidade e colaborando para que se liberte dos seus atuais condicionamentos, que são muito estratificados.

Os que seguem o caminho do puro serviço da alma não o confundem com mera atividade exterior. Além disso, superam a ação que visa ao próprio bem-estar e passam à ação que visa ao verdadeiro bem-estar dos seus semelhantes, passam a perceber a existência do mundo das almas e a relacionar-se com ele.

A Cura

Durante muitos ciclos, a personalidade age por conta própria e produz mais distúrbios que equilíbrio. Mas, ao ser iluminada pela alma, torna-se cocriadora da harmonia universal.

Realidade planetária

Na época atual, milhões de pessoas necessitam de cura. Pode-se dizer que raras são as verdadeiramente sadias neste planeta.

A atmosfera física e psíquica da Terra contém muitos elementos antievolutivos e está impregnada deles desde tempos remotíssimos. Ao receber as energias construtivas do Sol e do universo, cria-se nela um atrito, pois essas energias têm vibração elevada e são bem mais puras. A diferença entre os elementos antievolutivos e essas energias manifesta-se como conflitos, e estes materializam-se como doenças. Todos os seres que vivem na órbita material terrestre são, portanto, suscetíveis a enfermidades.

Mas quando buscamos compreender o que é a doença, percebemos que ela é independente de nós. Embora seja parte do planeta em que vivemos, acomete o nosso corpo físico, o mental e o emocional, mas não o Ser Interior, que não é de natureza material.

Uma das tarefas da humanidade é diminuir a tendência à doença, que impregna tudo o que é material; e a forma de transcender os níveis de consciência em que as enfermidades se manifestam é enfocar níveis mais elevados, não materiais, que são imunes a elas.

A atenção da maioria está concentrada apenas no corpo físico e nos próprios sentimentos e ideias. É nesses níveis de consciência que as doenças se instalam. Mas há outros, não infectados, a que podemos ter acesso. O nível intuitivo e o espiritual, por exemplo, ficam além da mente e abrem caminho para a saúde, pois estão em sintonia com energias solares e constituem uma espécie de esfera de proteção não só para os seres humanos mas também para tudo o que os cerca.

Uma tarefa da humanidade

A humanidade em geral não tem assumido o seu papel na cadeia evolutiva. Em relação ao serviço ao planeta, o reino humano encontra-se aquém dos demais reinos da natureza. Pela beleza das pedras preciosas, percebemos o que o reino mineral tem realizado. Pela perfeição das flores, pela utilidade das plantas e pela doação delas para nutrir os demais reinos, vemos que o reino vegetal alcançou grande desenvolvimento interior. A humanidade, todavia, tem usufruído, depredado, poluído, porém, bem pouco servido ao mundo em que se encontra.

Ainda devemos tomar consciência do que viemos fazer na Terra. Teríamos vindo só para realizar obras materiais ou para nos mantermos prisioneiros de emoções e pensamentos? Cabe-nos apenas ganhar dinheiro, procriar, construir um bom destino individual ou familiar, porém ignorando a situação precária dos semelhantes?

Um joão-de-barro constrói uma casa, um tatu cava uma toca, as formigas criam os formigueiros. E

nós, seres humanos, quando construímos "nossa" casa, que acrescentamos a essa ação que os animais praticam? Quando procriamos, em que somos diferentes dos gatos, dos cachorros e dos passarinhos que geram suas ninhadas? Será que estamos aqui como os bichos, seguindo apenas a lei natural?

Os seres humanos só poderão dar outra dimensão e sentido ao que realizam quando se conectarem com os níveis elevados da consciência. Sua tarefa prioritária não é construir ou fazer, mas enfocar a mente nesses níveis harmoniosos, onde doenças e limitações não existem, e irradiar a sua vibração para o mental, para o emocional e para o físico, que são vulneráveis. A partir daí, podem surgir atitudes e ações corretas e, consequentemente, a saúde.

Nenhum outro reino manifestado na superfície da Terra tem, como o humano, a possibilidade de conectar-se de forma consciente com o nível intuitivo e com o espiritual. Se cumprir essa tarefa, o reino humano ocupará seu verdadeiro lugar na cadeia evolutiva terrestre, porque, então, transmitirá aos reinos sub-humanos o que absorveu nas alturas da consciência, onde eles ainda não podem chegar. Deveríamos colocar-nos nesses planos da forma mais estável possível.

Reeducação mental

A focalização da mente no nível intuitivo e no espiritual exige reeducação. Por épocas inteiras fomos habituados a só pensar em doenças, a considerá-las opositoras e a nos prevenir contra elas. Aderimos a uma

espécie de "propaganda" que sustenta as indústrias de medicamentos e os sistemas de cura paliativos. Isso nos mostra o quanto vivemos centrados em nosso aspecto material e terrestre, na parte externa do ser.

Se permanecemos com a atenção só no corpo físico, nas emoções e nos pensamentos, não nos libertamos das enfermidades. O sentido real da vida é reconhecido quando nos tornamos cientes de que temos um núcleo espiritual portador de energias universais e curativas. Como o próprio fato de saber disso nos conecta com esse centro interno de poder, resta-nos retirar a atenção dos níveis doentios e colocá-la nele.

Para isso, precisamos fazer uma reprogramação mental. Ao lermos, por exemplo, num anúncio: "Tome tal remédio", não nos deveríamos fixar nos estímulos transmitidos por ele, mas sim, elevar a consciência aos níveis em que as doenças não existem.

Ao procurarmos contato com o mundo intuitivo e com o espiritual, onde estão guardadas as ideias divinas que deram origem à Terra e a nós, estaremos a caminho da cura. Poderemos, então, usar os tratamentos disponíveis na medicina e na psicologia, se necessário, mas saberemos que são recursos acessórios e que a cura vem de regiões profundas do nosso ser.

A vontade superior

Nosso núcleo espiritual conhece a ideia divina que nos deu origem e sua vontade é realizá-la plenamente. A vontade humana, contudo, atuante no nível físico, no

emocional e no mental, na maioria das vezes, é oposta a ela. Esse distanciamento entre a vontade espiritual e a vontade humana é outra causa de desequilíbrio, que nos predispõe às enfermidades naturalmente já presentes no planeta.

A vontade humana baseia-se em experiências passadas. Prende-se ao que é conhecido e agradável e quer repetir as boas vivências que teve anteriormente; não tem poder para levar-nos ao que seria novo em nossa vida.

Mas não precisamos estar sempre sujeitos a essa condição. Mesmo dentro da conjuntura terrestre podemos estar menos predispostos a enfermidades, a depender da nossa sintonia com a vontade espiritual.

Se contatamos os níveis superiores da consciência, níveis que estão além da mente, facilitamos a harmonização da vontade humana com a vontade espiritual. Para isso, um dos primeiros passos é perguntarmo-nos internamente: "Qual é a vontade superior? Qual é a minha verdadeira vida?"

Mas, ao fazermos essas perguntas, nosso lado humano tenta dissuadir-nos e diz: "Não mexa com isso, pois perderá a segurança", ou: "Cuidado com essas perguntas, porque, se a vontade profunda for o oposto do que você está vivendo e do que você quer, você perderá coisas importantes; é melhor não se arriscar", ou ainda: "Cuidado! Que vão dizer de você? Você ficará sozinho, será considerado louco". Essas "vozes" das forças contrárias à evolução vêm do homem velho que há em nós. E tal tendência retrógrada só começa a ser desmascarada quando reavaliamos a própria vida, quando observamos a civilização de

que fazemos parte. Constatamos que não há sequer um setor que não esteja em crise. Então, por que nos aferrar tanto ao conhecido e falho?

Na segunda guerra mundial, cidades inteiras tornaram-se montes de cinzas em poucos minutos. É isso o que temos medo de perder, uma vida material que pode ser pulverizada de um momento para outro? E a tremenda insatisfação de não poder colaborar com a natureza, de não poder servir criativamente ao planeta, de não conhecer a verdadeira vida, será essa insatisfação resolvida por uma situação que consideramos segura?

As condições da existência material tornam-se cada vez mais desequilibradas e isso nos impulsiona ainda mais a procurar o verdadeiro caminho, a realização da vontade espiritual. Temos um trabalho evolutivo a fazer, aguarda-nos um amplo serviço ao próximo e ao planeta que habitamos.

Quando a água nos sacia a sede, quando uma planta nos dá oxigênio, beleza, calma: como retribuímos? Quando um animal convive conosco e tudo espera de nós, que resposta lhe damos?

E que dizer da nossa indiferença aos irmãos da mesma espécie, que ainda vivem em condições sub-humanas sob a nossa vista?

Por onde começar a cura? Não seria por nós mesmos?

A Solução Está Pronta

Na vida, tudo aquilo realmente importante se apresenta com forma muito simples.

A intuição

Nos níveis mais profundos da consciência, existem respostas para todas as nossas indagações. Saber disso é o primeiro passo para a intuição fluir livremente e trazer-nos essas soluções. Em seguida, precisamos deixar de contrapor sentimentos, desejos, preconceitos e ideias ao que vem do mundo interno.

Se desobstruirmos o caminho para o inconsciente e ficarmos diante dele como se fôssemos recém-nascidos, totalmente inexperientes, as respostas a questões existenciais e as soluções para os mais diversos problemas que enfrentamos poderão emergir.

A intuição é a compreensão direta de certo aspecto da realidade. Emerge sem que raciocinemos, pois não depende da atividade mental costumeira. Introduz-se na mente e imprime-se no cérebro no intervalo entre os pensamentos. Quanto maior for esse intervalo, de maneira mais nítida e completa ela será captada.

Poucos sabem que se perguntarem algo ao inconsciente obterão resposta, e que lhes cabe, tão somente, estar receptivos a ela.

Receptividade ao mundo interior

Há várias maneiras de interrogar o inconsciente. Certas pessoas conversam consigo mesmas, outras escrevem, outras formulam perguntas mentalmente, voltadas para o interior de si próprias. Há também as que buscam orientação interna sem chegar a formular perguntas – simplesmente se colocam em um estado expectante e tranquilo. A forma como sucede o contato com o inconsciente é determinada pelo temperamento de cada um.

Um aspecto que conta muito para esse contato com o inconsciente efetivar-se é a intensidade com que emitimos a indagação. É importante plasmar as ideias de modo claro e coerente, estando bem consciente do seu princípio, meio e fim, e entregá-las com desapego ao mundo interno. Desse desapego vem o equilíbrio e a paz que propiciam à intuição revelar-se.

Se nos concentramos excessivamente e fazemos a pergunta com ansiedade, impedimos que a resposta venha, pois nossas expectativas agem como um obstáculo entre nós e a realidade interna. Por outro lado, se não dedicamos a isso amor e atenção suficientes, o apelo não chega às camadas profundas do nosso ser, onde a solução está pronta. Há, pois, um delicado equilíbrio a ser conseguido, tanto na maneira de fazer a pergunta, quanto na espera tranquila pela resposta.

O grau de energia necessário para emitir a pergunta é descoberto com a prática, com a dedicação. É um processo rico de ensinamentos.

Depois de formular a pergunta com clareza e enviá-la corretamente, devemos pôr de lado o assunto, para que o mundo interior possa agir sem perturbações nem interferências. Se, por exemplo, insistirmos na mesma pergunta, se ficarmos pensando no assunto ou se cobrarmos a resposta, atrairemos novamente para a superfície da consciência o que deveria estar sendo trabalhado em quietude, nas áreas profundas do ser. Impediremos, assim, que nos seja revelada a solução.

Um meio de evitarmos que a mente interfira é fazer a pergunta antes de adormecer ou antes de nos ocupar com alguma tarefa que nos vá absorver toda a atenção.

Suponhamos que nos acometam dúvidas sobre se fizemos a pergunta corretamente, ou que queiramos perguntar de novo, ou que o assunto insista em voltar à mente. Se surgirem esses ou outros impasses com os quais não saibamos lidar, torna-se necessário esquecer por completo a pergunta e nos despreocuparmos. Devemos agir como se nada estivesse acontecendo e como se não tivéssemos feito pergunta alguma. Temos de nos desligar de tudo e não insistir mais, até que a tranquilidade seja reencontrada.

Não haverá dificuldade a partir do momento em que se instala em nós a certeza de que, ao fazermos uma pergunta, a resposta estará sendo elaborada pelo inconsciente. O fator fé é essencial. Fé em que a alma, no nível intuitivo, está sempre pronta a nos atender e atenta às nossas necessidades.

Se não temos fé na sabedoria desse nosso ser interno, envolvemo-nos com questões psicológicas e intelectuais e a mente, que deveria estar calma para refletir o

que vem do profundo, inquieta-se e não cumpre seu papel de espelho refletor.

As respostas

As respostas às nossas indagações estão vinculadas ao carma, porque o inconsciente nos conduz de modo que tenhamos oportunidade de equilibrar atos passados. Mas essas respostas dependem, em especial, da nossa receptividade. Às vezes, fazem-se presentes mas não chegam a ser percebidas, devido à sua sutileza e às distrações da mente ou ao fato de não lhes darmos a justa importância por não corresponderem às nossas expectativas.

O mecanismo intuitivo de cada um de nós é original e único. Não devemos, pois, ter ideias preconcebidas de como deve funcionar, para não bloqueá-lo.

Alguns fazem perguntas com toda a sinceridade e recebem respostas do próprio ser interior por meio de outras pessoas. No momento em que a intuição lhes fala pela voz de outro, podem não perceber o que lhes é dito, por terem aquele porta-voz em pouca conta.

A crítica, o orgulho, o autoritarismo, a dissimulação, a complacência com tendências retrógradas da personalidade, o descontrole no uso da palavra, o excesso de convicção nas próprias posições, o apego, a curiosidade, a impaciência e a inflexibilidade mental, entre outros fatores, costumam abafar a voz tênue e discreta da intuição.

As respostas às nossas perguntas podem vir também por meio de um símbolo. Se não estamos

habituados a ver os objetos com os mesmos olhos com que vemos uma pessoa ou um ideal, o que esse objeto simboliza passa despercebido e não colhemos a mensagem que nos traz.

Um fato que aconteça em nossa vida pode, igualmente, ser a resposta que nosso inconsciente envia. Uma mudança na situação em que nos encontrávamos, o afastamento de pessoas com quem convivíamos, novas oportunidades que despontam – tudo isso pode representar a tão aguardada resposta do nosso mundo interior. Há casos em que, por desejar que algo suceda de determinado modo, insistimos na pergunta sem notar que já foi respondida.

Em geral, a intuição se faz sentir de maneira mais nítida quando entramos em um estado de calma, quando estamos vazios e totalmente receptivos. A resposta brota em nosso íntimo e dúvida alguma paira sobre ela.

A necessária clareza

No relacionamento com o mundo interior é fundamental não confundir intuição com convicção pessoal. Uma convicção pessoal pode até ser positiva, construída com amor durante longo tempo. Mas ela se faz de fora para dentro, nasce na mente e se impõe ao ser. É parcial e não substitui a verdade.

Assim, estarmos convencidos de alguma coisa não é o mesmo que recebermos uma intuição; pelo contrário: uma forte convicção pode ser um obstáculo para captá-la.

A intuição brota dos níveis internos do ser e tem em conta não só a nossa pessoa, mas a vida universal. Não nasce de um estado emocional ou de um estado mental. Os níveis dos quais ela advém são muito mais profundos que o da personalidade.

O primeiro sinal de uma intuição verdadeira é não trazer consigo nenhuma forma de excitação: não provoca alegria, entusiasmo, tristeza nem angústia. Vem de maneira calma, clara e sem julgamentos. Às vezes é tão suave que nem sequer a notamos.

Quando pensamos ter tido uma intuição, mas ainda temos alguma dúvida quanto à sua veracidade, o melhor é nos desapegarmos dela. Como não estamos habituados a viver em contato com os níveis profundos do nosso ser, podemos recorrer a fontes mais familiares para confirmar se o que recebemos foi realmente uma intuição: podemos empregar, por exemplo, a inteligência, a razão e o discernimento. Colocar esses aspectos do nosso ser a serviço de algo superior é uma expressão de gratidão e amor.

Outra forma de saber se tivemos de fato uma intuição é submetê-la à apreciação de outra pessoa, mais madura e experiente que nós no caminho espiritual. Com o seu parecer, é possível não só discernir se a percepção é válida, mas também obter algum dado que venha enriquecê-la, esclarecê-la ou ampliá-la.

O importante é sempre estarmos imparciais diante da própria experiência, da experiência do outro, da inteligência, da razão, do discernimento. Se nos mantivermos nessa neutralidade, teremos clareza sobre o que nos vem à consciência.

As mudanças que a intuição nos traz

Se nos dedicamos ao contato com o mundo interior, nosso comportamento diário vai gradualmente mudando. Tornamo-nos mais serenos e deixamos de lado os preconceitos; os desejos e pensamentos se sutilizam. Essas transformações nas atitudes levam a uma modificação do ritmo da vida: começa a surgir tempo entre uma tarefa e outra para nos interiorizarmos um pouco mais.

À medida que persistimos, os contatos com o mundo interior trarão bálsamos e sabedoria para o mundo consciente. A personalidade irá sendo imbuída em energias superiores e começará a colaborar. Passará a realizar tudo o que estiver ao seu alcance para favorecer esses contatos. Observará as menores coisas, como, por exemplo, períodos regulares de repouso e alimentação mais sutil. Tudo na vida assumirá outro valor, pois estará voltado para a união com o profundo do ser.

A conscientização de que os pensamentos, as emoções e o corpo físico não são a nossa essência ajuda-nos na interiorização. Tal passo pode ser dado com o auxílio de um exercício: se um estado emocional nos absorver demais a atenção, podemos dizer: "Eu não sou esta emoção. Ela é apenas um movimento do corpo emocional". Ao surgir um pensamento de crítica, dizemos: "Eu não sou este pensamento. Ele é apenas uma reação da mente". E ao sentir uma dor física: "Esta dor não sou eu. É apenas um desajuste do corpo físico". Assim, nos preparamos para oferecer todas as ações, sentimentos e pensamentos ao mundo intuitivo.

É inútil, por nos julgarmos imperfeitos, crer não estarmos preparados para esse caminho. Tais ideias são supérfluas, não trazem solução alguma. A tarefa diante do próprio mundo interior, intuitivo, é estarmos receptivos e tranquilos, é sabermos que na essência está a solução, pronta, à nossa espera.

A Função do Sofrimento

À medida que o carma
é equilibrado em cada ser,
tudo se equilibra, inexplicavelmente.

De onde vem o sofrimento?

Só compreendendo o significado e a função do sofrimento podemos predispor-nos a superá-lo.

O sofrimento tem um sentido espiritual, uma função moral e também um trabalho a fazer nas células físicas. Entretanto, mesmo reconhecendo isso, devemos saber que não faz parte do plano divino. Nossa alma e o próprio universo não têm o propósito de nos fazer sofrer.

A causa do sofrimento do ser humano encontra-se nele mesmo e, em princípio, decorre da sua resistência à transformação. O sofrimento tem sido utilizado pelas forças do destino como meio de amadurecer a consciência; quando ela não se eleva movida pela razão, pela intuição ou pelos conhecimentos que já adquiriu, ele pode contribuir para certo despertar.

Há milênios, Buda revelou que o sofrimento é produto do desejo. Nós o engendramos ao querer coisas, ao nos envolver emocionalmente com algo ou com alguém e ao fazer experiências puramente pessoais, sem um motivo nobre e elevado.

Enquanto desejarmos coisas, pessoas ou o que quer que seja por motivos egoístas, sofreremos.

A humanidade, até hoje, de modo geral, pouco se interessou pela evolução do universo onde está inserida. Seu sofrimento vem da ignorância básica acerca da unidade da vida. Por não saberem que a vida é una, os seres humanos amam mais a si mesmos que a Deus ou aos seus semelhantes, e o sofrimento cessa apenas quando essa ignorância é transcendida.

Todavia, paradoxalmente, mesmo não sendo parte do plano divino, o sofrimento é por ele utilizado para o bem, como veremos.

A compreensão do sofrimento

O passo inicial para compreendermos o sofrimento, como vimos, é tomar consciência de que sofreremos sempre que desejarmos algo. Mas é quase impossível deixar de ter desejos enquanto estamos encarnados, porque o desejo é como uma secreção sutil do corpo emocional. Assim, como produto da própria fonte de emoções, o sofrimento sempre reaparece, de uma forma ou de outra, na existência humana.

Contudo, podemos iniciar um trabalho de libertação se canalizamos os desejos para finalidades e objetivos cada vez mais elevados. Essa é a forma mais simples e direta de mitigarmos ou de anularmos em boa parte o sofrimento. Pouco adianta confrontá-lo diretamente.

A purificação ou o refinamento dos desejos dá-se por etapas. Começamos com o desapego das coisas materiais; a seguir, praticamos o desapego das liga-

ções afetivas e, por fim, o desapego dos preconceitos e esquemas mentais. À medida que os apegos mais grosseiros são superados, o desejo é canalizado para coisas mais nobres. E, numa etapa mais adiantada desse trabalho de libertação, passamos a desejar não ter desejos.

É então que podemos relacionar-nos inteligentemente com o sofrimento. Compreendemos, por fim, que ideias, tendências e anseios equivocados retêm o fluir da vida ou nos desviam do curso correto, distanciando-nos das leis universais que deveríamos seguir.

Tipos de sofrimento

Há vários tipos de sofrimento e cada um tem a sua função. Um deles é o chamado sofrimento espiritual. Constitui-se das provas pelas quais passamos em nossa busca do Espírito. Apesar de mais sutil que outros, o sofrimento espiritual também é gerado pelo desejo. Ele existe devido ao nosso anseio de nos tornarmos espiritualizados. Mas quem padece dele não se queixa, porque sabe, no íntimo, que tal sofrimento o levará a uma maior compreensão da vida e das coisas.

O sofrimento espiritual não é limitante, como se possa crer, mas fortalece a pessoa que o experimenta e a deixa receptiva a realidades mais amplas. Uma das suas funções é despertar a fé. Se o abraçarmos sem restrições, seremos preenchidos de alegria e devoção, entraremos em um estado de paz e segurança interiores.

Outro tipo de sofrimento é o de natureza moral. Forja e purifica o caráter, faz com que deixemos de ser

dúbios ou tépidos em nossos sentimentos mais básicos. Todos os que têm caráter adquiriram-no vivendo diferentes gradações desse tipo de sofrimento.

Durante o sofrimento moral, temos a possibilidade de fazer opções importantes para a vida do Espírito. Quando o caráter já está bem depurado, não lamentamos esse sofrimento, pois sabemos quão precioso é o aprendizado que dele advém. Sabemos, também, que o padecimento aumenta com a queixa. Com lamentos, desperdiçaríamos a energia que nos foi dada para suportar o sofrimento. Ele, em princípio, nunca é maior que a nossa capacidade de vivê-lo.

Por fim, há o sofrimento físico, que quase sempre nos quer mostrar o que devemos mudar em nossa vida. Este também é proporcional à capacidade de suportá-lo mas, em alguns casos, agrava-se pelo fato de não o aceitarmos e, assim, pode tornar-se excessivamente pesado.

Precisamos considerar o sofrimento como uma oportunidade de sanar desequilíbrios antigos causados por nós mesmos e abandonar a errônea ideia de que ele vem como mera punição.

O mais temido dos sofrimentos

O sofrimento físico costuma ser o mais temido pela maioria das pessoas. Quando é agudo ou prolongado, em geral é consequência da nossa recusa em atender o chamado espiritual em tantas oportunidades que tivemos de reconhecê-lo.

Nossa atitude diante do sofrimento determina muito do que sucederá. Quando é compreendido e aceito e quando modificamos na própria vida o que a enfermidade está indicando como desequilíbrio, as células aprendem a conviver com a dor. Adquirimos, então, certa imunidade a ela. Isso aconteceu com alguém que conhecemos. Era uma pessoa que tinha um mal no cérebro que lhe provocava dores terríveis. Desenvolveu grande compreensão pela doença, transformou seu modo de vida e, antes de partir deste mundo, enviou-nos a mensagem de que havia aprendido a conviver com a dor.

Mesmo se a dor chega ao limite do suportável, ameniza-se quando é aceita, e pode-se, então, experimentar uma paz inédita. Foi isso que ocorreu com outra pessoa que conhecemos. Devido a um tumor maligno no abdômen, tinha dores pungentes. Relatou-nos que, a certa altura, elas desapareceram, e foi como se o seu ego houvesse desaparecido também. Tomou consciência de si em outro plano de existência. Seus sentidos internos se abriram e ela percebeu ter atingido o que as pessoas buscam sem jamais encontrar: uma paz além de toda compreensão. Foi uma experiência, segundo ela, inesquecível.

Essas vivências são de pessoas comuns, que nada têm de especiais. São testemunhos de gente como nós, não de santos ou de *yogis* de elevada evolução, que podem estar preparados para ter controle até sobre a dor.

Mas há, ainda, outro grau de experiência com o sofrimento físico, vivida pelos que estão identificados com a evolução geral, do universo: por meio da dor, suas células desabrocham, reconhecem a própria luz

interna e unem-se a ela. É como se cada célula do corpo entrasse em êxtase, trazendo a esses seres uma profunda vivência mística, em que o espírito se revela na sua contraparte: a matéria.

O sofrimento da humanidade

Pelo sofrimento, o homem deixa para trás o que não tem mais valia para ele. Porém, à medida que sua consciência se expande, já não se polariza em seus próprios problemas. Pode, então, ajudar na transmutação dos sofrimentos dos demais. Vai assumindo parte do sofrimento da humanidade, pois agora sabe que todos são corresponsáveis por ele.

Sendo a humanidade una, o que alguns fazem se reflete em todos os demais e, enquanto houver agressividade, o sofrimento do mundo será notável. Assim, mesmo que não estejam diretamente envolvidos com a indústria bélica, por exemplo, há indivíduos que assumem a transmutação de parte do sofrimento gerado pelo uso de armas.

Alguns sofrimentos da raça humana tiveram origem em seu remoto passado. Podemos citar as dores do parto, consequência da opção pela reprodução sexuada, feita nos primórdios deste planeta. Outras formas de reprodução eram possíveis, mas a humanidade desejou a sexuada e, então, as dores do parto associaram-se a ela.

Certas almas evoluídas ofertam-se para aliviar o sofrimento coletivo, mesmo não sendo responsáveis

por ele. São almas de compaixão. Encarnam e sofrem não por desequilíbrios que geraram, mas para ajudar a humanidade a dissolver seus débitos cármicos.

Além da dor e do sofrimento

Estar diante do sofrimento de forma positiva é viver com consciência o que ele nos traz. Para isso, é necessário renunciarmos a conceitos, expectativas e hábitos. Com essa simplificação, ficamos aptos a nos aproximarmos efetivamente da cura.

Mantendo-nos em atitude positiva perante o sofrimento físico, permeamos o corpo com o reconhecimento de que ele é uma vestimenta da essência espiritual. Isso muda a sua condição, pois deixamos de tratá-lo apenas como um corpo animal e passamos a vê-lo como parte de uma vida maior e como envoltório de algo precioso, imaterial.

Sem rejeitarmos o sofrimento, mas aceitando-o inteligentemente e seguindo o que nos indica, permitimos a remoção do que impede a energia interna de expressar-se. Essa atitude pode ser fortalecida quando agradecemos pela purificação que o sofrimento realiza em nós, quando sabemos reconhecer o que a vida com sabedoria nos oferece.

Curar é Simples

Quando a energia de cura desce dos planos supramentais ao mundo material, harmoniza tudo o que encontra.

Os desgastes da vida moderna

As condições físicas e psíquicas do planeta na época presente são pouco favoráveis à saúde. Pela sua constituição genética atual, o corpo físico humano poderia durar cerca de 150 anos. Entretanto, seu tempo médio de vida tem sido muito menor.

Três fatores na civilização moderna são especialmente responsáveis pelo desgaste do corpo físico: o uso de produtos químicos, a alimentação e os hábitos inadequados, densos demais para o atual desenvolvimento da consciência, e as tensões que sofremos – tanto externas, quanto emocionais e mentais. Esses fatores são tão disseminados que é praticamente impossível não ser tocado por eles.

Se todos estão diante desses fatores que abalam o organismo, como, então, obter e proporcionar às pessoas saúde e equilíbrio?

Treinamento para a cura

Vivemos simultaneamente em vários níveis de consciência. As desarmonias são próprias do nível físi-

co, do emocional e do mental. Além desses três, bem conhecidos, há os chamados níveis supramentais, que não são afetados por nada de negativo e onde temos a maior parte do ser.

Tendo como referência os níveis de consciência em que a humanidade em geral está polarizada, consideram-se superiores os supramentais, níveis que se encontram além do mental pensante. Abarcam o mundo intuitivo, o espiritual e outros ainda mais elevados.

Esses planos de consciência superiores guardam em si as energias e o propósito da evolução do homem. Neles, temos a possibilidade de reconhecer a tarefa que nos cabe, de desenvolver a sabedoria que nos leva a colaborar com o bem geral.

Com a energia dos níveis supramentais, uma situação desarmoniosa que se tenha estabelecido no nível físico, no emocional ou no mental pode ser transformada. Portanto, para termos condições de ajudar a quem se encontra em dificuldade, precisamos aprender a focalizar a consciência nos níveis isentos de desarmonias. Se, por exemplo, ficamos excessivamente dedicados ao corpo físico ou presos a algum problema emocional ou pensamento negativo, necessitamos mudar tal situação. Para isso, basta transmitir ao eu externo a ideia de que ele não é apenas um envoltório da consciência, mas um templo vivo, que contém a essência imaterial do ser. Essa perspectiva pode elevá-lo, enobrecê-lo e, consequentemente, transformá-lo.

As condições físicas, emocionais e mentais se equilibram quando a atenção que damos ao eu externo é apenas a necessária para organizar a vida material e para usar de maneira evolutiva a energia dos senti-

mentos e a dos pensamentos. Quanto mais estáveis em níveis superiores ficarmos, mais damos oportunidade para fatos inusitados e evolutivos sucederem nos níveis concretos. Assim polarizados nas esferas harmoniosas do nosso ser, tornamo-nos aptos a ajudar ao próximo e a nós mesmos.

Ouvir o outro

Se alguém nos procura para tratar de seus problemas, só o ajudamos verdadeiramente quando nos conectamos com níveis superiores àqueles em que os ditos problemas se localizam. Se, em vez disso, ficamos no mesmo plano desses problemas, nenhuma ajuda real podemos prestar. O encontro pode servir para um desabafo, mas não ajuda de fato a resolver a situação da pessoa, que precisa mudar de plano de consciência. Sem essa espécie de reorientação e, portanto, de cura, a pessoa pode parecer momentaneamente mais tranquila após o contato conosco, mas novos problemas não tardarão a surgir em sua vida.

Se ouvimos o outro com atenção e, simultaneamente, concentramo-nos nos níveis supramentais, é realizado um trabalho profundo e oculto: as energias positivas do inconsciente da pessoa são mobilizadas e começam a atuar. Durante o encontro, nada parece estar acontecendo mas, depois, ela se dá conta de uma mudança em seu interior mesmo sem saber a que atribuí-la.

Tenhamos presente que não seria bom querer conduzir o que acontece no interior de quem nos pede ajuda. Não precisaríamos sequer conjeturar sobre o que fazer, nem alimentar a ideia de auxiliá-lo a todo custo.

A ajuda real e durável é possível quando damos inteira atenção à pessoa, porém, mantendo-nos focalizados em um nível superior. Não se trata de corresponder-mos ao que ela espera ou de buscarmos contentá-la emocionalmente, mas de mantermos a consciência em um nível elevado durante o contato com ela, contato que tanto pode ser externo quanto subjetivo.

Se nos mantivermos nessa atitude, a pessoa, inexplicavelmente, vai-se liberando do que a faz sofrer. É que seu apelo chega até nós, mas não é retido pela nossa atenção excessiva, julgamento ou crítica; não nos envolvemos com o que está sendo dito e não reagimos. Assim, não criamos novos conflitos e a energia positiva que liberamos chega à pessoa.

Em outras palavras, quando alguém nos pede ajuda, abre em sua consciência um espaço. Se a energia positiva do nosso ser preenche esse espaço, a negatividade que foi expelida dali, se retornar, irá encontrá-lo ocupado.

A liberdade da alma

Não somos nós que curamos alguém, mas é o próprio doente que se cura. É ele que emite o apelo e é ele que recebe a estimulação para transformar-se. Se não fizesse esses dois movimentos, nenhuma ajuda poderia ter. Além disso, quando mantemos a consciência num nível elevado, a pessoa a ser ajudada acompanha-nos nessa ascensão se tem afinidade conosco; recebe, assim, a energia curativa dos planos superiores.

O elo dessa pessoa conosco pode ser um sentimento de amor mais ou menos puro, mais ou menos egoísta. O tipo de sentimento, todavia, não é o mais importante. Ele é só o recurso de que o outro dispõe para nos seguir nessa escalada. Se esse sentimento faz com que esteja disposto a elevar-se conosco, basta que estejamos imparciais.

Deixemos que sua alma faça seu próprio trabalho interno, pois ela tem a visão do destino. Quanto aos resultados da nossa ajuda, não nos compete analisar: não nos cabe avaliar o que ocorre no interior de uma alma. Também, atenção excessiva ao conflito da pessoa pode fazer com que ela volte a cair e, então, seu problema reaparecerá com mais vigor.

A ânsia de ajudar, de querer que alguém se transforme, está no mesmo nível emocional e mental dos problemas que ele apresenta e, portanto, não lhe é útil. Devemos aprender a nos colocar no ponto mais elevado que pudermos e deixar sua alma livre.

A energia da cura

A cura vem de níveis de consciência que estão além de todo o mal. Nada do plano físico, do plano emocional ou do mental tem verdadeiro poder de cura.

A energia da cura não é nenhum remédio e, tampouco, nada de mágico. Mas, quando desce das esferas supramentais ao mundo material, harmoniza tudo o que encontra.

Para dar um exemplo, diríamos que, se alguém escorrega e, de imediato, se conecta com os níveis supramentais, pode evitar o tombo. Aquele rapidíssimo instante de conexão é capaz de mudar o que havia sido armado para produzir a queda.

O mesmo ocorre com outras situações de dificuldade ou perigo, tais como assaltos, exposições a vírus, acidentes em geral, mal-estares e fatos de ordem moral: conectando-nos com a realidade de um nível em que nada disso está acontecendo, a vibração daquele nível flui, instala-se em nós e o perigo se afasta porque não encontra afinidade com a nova condição criada.

Ao nos conscientizarmos desses processos simples de cura, algo muda em nossa vida. E, se acolhermos essa mudança, poderemos encontrar, neste mesmo mundo tão caótico em que estamos, muita harmonia.

Quando alguém dirige a atenção para além dos seus limites formais e se dá conta da própria essência, passa a viver em estado de cura e vem a compreender que a cura nada mais é que o ajuste da matéria à realidade interna, a um padrão mais alto de perfeição.

A cura nasce do silêncio naquele que, tendo-se esvaziado, se volta para o Alto e se deixa preencher pelo que lá encontra.

Jejum de Preocupação

Quando estamos dentro da pura energia, somos o próprio amor. Nada nos falta e, em toda parte, podemos lançar uma semente de abundância.

Que é o jejum?

Jejum pode ser uma prática mais ampla do que a simples abstinência de alimentos. Jejuamos também quando nos abstemos de determinados pensamentos, emoções, ações e palavras. Às vezes, precisamos jejuar de certos sentimentos negativos mais do que propriamente de alimentos ou de pensamentos, às vezes, precisamos jejuar de palavras mais do que de sentimentos, e assim por diante.

Se for inspirado pelo nosso mundo interior e isento de expectativas e ambições, tanto o jejum de alimentos quanto os demais podem ajudar na nossa transformação, na purificação do organismo e, até mesmo, trazer saudáveis simplificações à vida.

Realizado com base nesses princípios de equilíbrio, o jejum de alimentos pode ter sobre o corpo físico repercussões de caráter espiritual, e não só terapêutico. Em certos casos, amplia a sua capacidade de acolher a energia da alma e de desimpedir-se de impurezas.

A opção pelo jejum de alimentos, porém, deve ser bem ponderada, pois, nos dias de hoje, o corpo físico da maioria das pessoas tem sido submetido a grande desgaste, não só pela atividade desorganizada e intensa da vida moderna, mas também pelo uso excessivo de aparelhos eletrônicos, pela saturação de

ondas de radiofrequência na atmosfera e, sobretudo, pela tensão psíquica.

O jejum de alimentos pode ser nocivo quando o corpo está debilitado ou sem reservas suficientes. Contudo, esse tipo de jejum é por demais benéfico quando há um sinal verdadeiro para fazê-lo, um aviso evidente de que essa é a vontade do eu interior em determinado momento de nossa vida. É, então, feito por livre e espontânea vontade, em oferta ao nosso eu interior, pois, como vimos, se o corpo se purifica, harmoniza-se com os níveis mais sutis do ser.

O jejum pode desanuviar-nos e, desse modo, permitir-nos compreender melhor o que o espírito quer de nós. É uma oferta para evoluirmos, não motivo para ficarmos fracos, nervosos ou carentes de substâncias necessárias à vida.

Com o passar do tempo, vamos vendo qual é, para nós, a melhor forma de jejum e, sempre que o repetimos, atualizamos sua prática conforme o estado do nosso corpo, as condições em que nos encontramos, o impulso que nos leva a realizá-lo.

Se obedecemos aos sinais internos, podemos estar certos de que todas as nossas necessidades são supridas pela própria força interior que nos estimula a fazer o jejum. Tomadas as devidas precauções, tudo corre bem. Crescemos em consciência, evoluímos e melhoramos com a ajuda do eu interno, que escolheu esse caminho tão simples de purificação.

Se estamos com boa saúde, a experiência do jejum de alimentos não nos enfraquece – mas se, mesmo assim, em determinado momento, percebemos que é preciso interrompê-lo, não há que hesitar.

Durante o jejum, recomenda-se ingerir mais água que de costume, para hidratar o organismo. Ao finalizá-lo, é preciso cuidado especial. É que, após o período de desintoxicação e de repouso do aparelho digestivo que o jejum proporciona, o organismo tem de readaptar-se ao processo de assimilação e de eliminação. Esse reinício deve constituir-se de alimentos bem leves.

Outros aspectos do jejum

Jejum pode significar também moderação, não apenas abstinência. Se, em nossa alimentação normal, não somos levados pela gula, mas damos ao corpo físico só o necessário para a sua subsistência, estamos jejuando. Essa busca de equilíbrio e sobriedade é jejum numa forma mais adequada aos dias de hoje, em que os extremos quase nunca levam à harmonia.

Outro tipo de jejum é o da palavra, que consiste no seu controle. Há ocasiões em que precisamos abster-nos completamente de falar e outras em que devemos abster-nos apenas de palavras supérfluas; podemos, portanto, estar falando e, ao mesmo tempo, jejuando de palavras.

A intenção de purificar-nos, quando autêntica, cautelosa, persistente e tranquila, constitui importante parte do jejum e determina seus resultados. Em alguns casos, essa intenção é suficiente para provocar na consciência mudanças que, em geral, se conseguem pela abstinência ou pelo controle.

Cada um pode encontrar a sua forma mais equilibrada de praticar o jejum: abstinência total ou mode-

ração, e em que grau. O importante é a sinceridade de intenção, a ausência de vaidade e o desapego de resultados. E, quando perceber alguma maneira ainda mais harmoniosa de realizá-lo, não hesitar em mudar.

Jejum de bens materiais

Como o jejum é uma via de equilíbrio para nos relacionarmos com a vida externa e a interna, podemos perguntar-nos: "Como aplicá-lo para encontrar equilíbrio na maneira de lidar com os bens materiais?"

O procedimento é o mesmo adotado no jejum de alimentos, no de sentimentos, no de pensamentos, no de ações e no de palavras. Algumas vezes, jejuamos de bens materiais pela abstinência; outras, pelo uso moderado ou pela austeridade.

Se alguém não recebeu do seu ser interior o impulso para desfazer-se de tudo, é porque essa não é sua forma de jejuar. Provavelmente, se recebesse tal impulso, a personalidade – o eu exterior – entraria em crise e deixaria de estar em harmonia com os propósitos superiores.

Quando alguém recebe a ordem interior de dispor de todos os seus bens, é porque está pronto para isso. Sabe que tanto para o seu caminho como para o serviço evolutivo é a atitude mais indicada. Sempre houve, através dos tempos, os que agiram assim. Entretanto, esse não é o caminho da maioria.

Contudo, em qualquer circunstância, é possível treinar a moderação. Podemos perguntar-nos: "Utilizo os bens materiais para tornar a vida de meus seme-

lhantes mais digna, menos desgastante?" "No dia a dia, levo em conta que mais da metade da humanidade se encontra em estado sub-humano, sem teto, sem alimentação básica, sem higiene e sem educação?" "Trato com o devido respeito a água, a energia elétrica, as habitações e as coisas com que lido?" Reflexões como essas ajudam-nos a não abusar dos bens materiais. E não abusar dos bens materiais é usá-los com desapego e, ao mesmo tempo, sem desperdício.

O comportamento normal da humanidade é o de ambicionar os bens materiais, tentar subtraí-los dos outros, visando ao benefício próprio e acumulá-los. Mas quando uma pessoa os usa com sabedoria, boa vontade e intenção de acertar, sua atitude ajuda a compensar o egoísmo dos demais.

Moderação

Para alguns, a moderação é mais difícil que um período de abstinência total. Dizer palavras que sirvam de ajuda aos outros, por exemplo, exige mais treino que ficar completamente calado.

Em princípio, a moderação requer humildade: requer que sejamos verdadeiros conosco e que nos reconheçamos falhos em certas circunstâncias. Essa atitude leva-nos a pedir orientação ao nosso ser interior antes de fazer qualquer coisa. Se, pelo contrário, temos a nós mesmos em alta consideração, ficamos mais vulneráveis, pois deixamos de solicitar essa ajuda interna antes de agir.

Por outro lado, a moderação requer também ousadia. Precisamos levar em conta que, se estivermos

receptivos à luz interior, nossos recursos serão adequados, mesmo que imperfeitos. A sabedoria da Vida tudo ajusta quando estamos entregues à vontade do nosso ser interior, e até inclui as imperfeições da personalidade. Mas é preciso ousar fazer o que é para ser feito. Só damos passos realmente quando nos dispomos a ir um pouco além do que estaria ao nosso alcance.

É como se, por exemplo, alguém necessitasse ouvir determinada música e só nós estivéssemos disponíveis para cantá-la. Podemos não saber fazer isso muito bem, mas se o tentamos contando com a atuação do nosso eu interior, suas energias são transmitidas por nosso intermédio. E, assim, não importa se desafinamos um pouco – por termos cantado como serviço, profunda transformação pode dar-se na pessoa que nos ouve. No caso, a música em si é irrelevante; essencial é o impulso evolutivo, é sairmos do ponto em que estamos e ajudarmos o outro a fazer o mesmo.

Se buscamos a moderação, reconhecemos que ousar não é agir irrefletidamente. É confiar no potencial que temos dentro de nós, entregando-o à condução do nosso ser interior. Ao agirmos permeados desse espírito, descobrimos o sentido de jejuar em ações, de atuar na justa medida para a luz interna revelar-se.

Por último, a moderação requer desapego. Os resultados de ações evolutivas não são mensuráveis. Não existem parâmetros em nível mental, emocional ou físico para medi-los ou julgá-los. É preciso realizar tais ações sem se prender a elas, agir como um semeador que lança os grãos na terra e os deixa entregues à chuva, ao vento e à dinâmica da força de vida que há em seu interior.

A Busca Espiritual

A aspiração a conhecer as realidades dos níveis suprafísicos do próprio ser, que estão além da mente, vai construindo a ponte para a consciência mais elevada.

O início da busca

Muitos perguntam como começar a busca espiritual mas, na verdade, essa procura não tem um começo definido: a certa altura da vida, tomamos consciência de que ela existe. Esse despertar para a busca está inserido na evolução do ser, que é contínua.

No princípio, pensa-se que a vida é uma coisa e a busca espiritual outra. Mas não é assim: tudo o que acontece em nossa vida nos leva gradualmente à união com a totalidade, com o universo de que somos parte.

Na Bíblia, é dito que temos todos os fios de cabelo contados e que não cai sequer uma folha de árvore sem que o "Pai" saiba. O "Pai" é o todo, o único, a totalidade. Esse dito se aplica também à busca espiritual. A partir do momento em que tomamos consciência de estar sendo atraídos para os níveis espirituais, as menores coisas parecem-nos acontecer em função de tornar essa via mais clara. Tudo se revela guiado e determinado pelo nosso núcleo profundo, núcleo que é um universo em miniatura, perfeitamente integrado nas leis de harmonia cósmica.

As ajudas para a busca

As orientações que encontramos nos livros sobre a busca espiritual estimulam nosso caminhar. Muitos deles elevam-nos a mentalidade, despertam-nos a aspiração e ajudam-nos a agir de forma coerente com o que vai em nosso íntimo.

Entretanto, como cada um de nós é uma criatura singular, a busca é feita de maneira individual e única. Ela se constitui de todos os fatos da vida, das energias que a pessoa manifesta, das circunstâncias em que se encontra. O que ocorre é, portanto, diferente do que ocorreu com os autores dos livros sobre o assunto: é sempre algo imprevisível e inédito. As informações servem como referência ou como esclarecimento, mas não deveríamos esperar passar pelas etapas da busca espiritual da mesma forma como foram descritas.

Consideremo-nos uma obra de Deus original e vivamos nossa aprendizagem sentindo-nos muito especiais para Ele, amando-o imensamente por nos ter criado.

Observando com a devida atenção os fatos de nossa trajetória, os encontros que tivemos e as circunstâncias que nos cercaram nas diversas fases por que passamos, percebemos que tudo é guiado por uma inteligência maior e que nada está fora da unidade essencial do universo. E quando a mente reconhece isso, não deve criar obstáculos ao que é previsto pelo núcleo espiritual do ser.

O que nos guia é esse eu interno, que nada mais é que nós mesmos numa região elevada da consciência, onde já não há divisões nem vacilações.

Nossa atitude básica deve ser a de não criar obstáculos, a de manter-nos como observadores lúcidos e dispostos a captar os mais discretos sinais. A partir daí, recolhemos os ensinamentos que todas as coisas nos transmitem e valemo-nos deles com adaptabilidade, inteligência e, principalmente, amor e gratidão.

Uma experiência de busca

Nunca tive dúvidas de que participo de uma realidade maior e de que há outros níveis de consciência. Também nunca duvidei de que sou guiado por algo interno. Mesmo na infância e na adolescência, quando não me ocupava conscientemente da busca, essa certeza sempre esteve presente em meu íntimo.

Assim, pude ver que os fatos marcantes da minha vida estavam traçados e que só me cabia reconhecê-los. O que parecia novo, na verdade, acontecia desde sempre e, no momento da experiência concreta, apenas se projetava externamente. Apesar disso, quando os vivia, eram "novos" para mim e, nem sempre, podia controlar seu desfecho.

Por causa da certeza de ser guiado, ao sucederem fatos incomuns, eu não opunha resistência a eles; entrava na experiência sem conflitos – e por estar inteiro, decidido a caminhar, não me preocupava com resultados.

Nunca me perguntei onde tudo aquilo iria acabar. Aprendi que, se não interferimos no fluxo das coisas quando elas são guiadas internamente, tudo se dirige

para o bem. Temos de vigiar sempre, estar atentos, mas sem preocupações.

Fazer essas constatações é sinal de estar sendo guiado. Essa percepção é fruto da atuação do eu interior, porque ninguém chega a ela apenas contando com a própria parte consciente ou com a própria experiência.

Na vida comum, as distrações são muitas e quem não se dispersa e assume a busca espiritual é porque, de alguma forma, já está sendo conduzido, ou melhor, autoconduzido.

Orientação em um sonho

Num sonho, certa vez me foi mostrado um galpão onde havia pessoas muito agitadas. Reconheci aquele lugar como uma representação do meu ambiente de trabalho de então. Encontrava-me na parte mais alta do galpão e observava o que ali transcorria. De onde eu estava, descia um miniteleférico levando um recém-nascido todo envolto em um cueiro. Quando chegou lá embaixo, era como se a criança entrasse na grande confusão reinante entre os presentes e nas suas atividades caóticas. Ao acordar, pela manhã, compreendi que havia uma mensagem muito importante naquele sonho: por meio de símbolos, ele me impelia a abandonar a profissão. Aquele recém-nascido representava um novo aspecto meu que não podia desenvolver-se adequadamente se eu continuasse nela. "Abandone-a", dizia a minha consciência, "senão a criança morre".

Eu era muito idealista naquela atividade e já a realizava havia 7 anos. Deixá-la era, portanto, uma conside-

rável prova de desapego e, durante alguns dias, ainda perguntei ao meu núcleo interno: "Sim, abandonarei o que estou fazendo, mas que vai ser em seguida?" E não me vinha resposta alguma! É nesses momentos que corremos o risco de duvidar, de achar que a percepção interna não tem valor, de ficar com medo e pensar em não seguir de imediato a orientação recebida.

Mas, mesmo ignorando o que iria acontecer depois, dei os passos necessários para me desligar de tudo. Saí daquela profissão sem dar maiores explicações aos amigos e parentes e fiquei por algum tempo como se fosse levado no teleférico do sonho, suspenso no ar. Experimentava uma sensação de vazio por ter saído de onde estava e não me encontrar ainda aonde teria de chegar.

Minha situação não era cômoda: estava num país estrangeiro, sem morada estável, sem dinheiro, sem apoio de pessoa alguma. Paradoxalmente, sentia grande alegria porque, quando reconstruía o sonho que me ficara bem gravado na memória, vinha do interior do meu ser a confirmação de que era verdadeiro. E, enquanto tomava as providências para me desligar de todos os compromissos, dentro de mim reafirmava-se: "Isso é o certo. Abandonar tudo é o certo". E assim foi feito.

Passou-se algum tempo e, um dia, recebi um bilhete de um conhecido: "Venha à minha casa porque tenho algo a conversar com você". E, quando fui, caminhando a pé porque já não tinha dinheiro para transporte, a nova conjuntura de minha vida me foi oferecida. Tratava-se de uma atividade tão diferente da anterior que se diria impensável. Era algo que nunca eu poderia ter imaginado vir a fazer. Mas aderi de imediato, sem

resistir nem titubear. Sentia, nesses momentos decisivos de mudanças, uma enorme força interior.

Um antigo amigo não se conteve e, em dado momento, me disse: "Que coragem!" Ignorava que não se tratava de coragem, mas da certeza de que, no desconhecido, estava o cumprimento da vontade do meu eu interior.

A partir disso, tudo o que acontecia apresentava-se como se tivesse sido planejado de antemão. As coisas surgiam organizadas, claras, decididas, e eu jamais poderia duvidar de que era guiado numa série de situações que, para os demais, poderiam parecer absurdas.

As vivências não são iguais para todos os que fazem a busca espiritual. Conheci pessoas cujo eu interior era menos drástico e as guiava para tomarem decisões graduais. Na verdade, podemos receber vários tipos de orientação interna. Algumas, indicam o que não fazer, mas não o que deve ser feito. Outras, mostram determinada coisa nos níveis superiores e o modo de concretizá-la na vida prática. Tanto num caso como no outro, a preocupação com os resultados tem de ser eliminada para que a entrega à condução interna seja incondicional. Obviamente, é necessário fé. Só ela elimina a tendência natural a interferir no curso indicado.

Fé

Depois do sonho com a criança no teleférico e mediante o que ia ocorrendo em minha vida, comecei a perguntar-me o que é realmente a fé. Que força poderosa foi aquela que me deixou tão firme enquanto me sentia suspenso no ar?

Ficou, então, claro que fé é a certeza de existir, de fazer parte da vida, sem jamais ter abalada a consciência da imortalidade.

Vi que a fé é um estado da alma, do próprio eu interior, e que não nasce na mente humana.

Como todos têm alma, todos têm fé, embora a maioria se distancie dessa realidade fundamental. Mas, mesmo que não se reconheça a existência da fé, ela se encontra no centro de cada ser e, sem ela, ninguém estaria vivo.

A certa altura, mais cedo ou mais tarde, todos entram na busca espiritual e descobrem a fé. Mas, enquanto esse amadurecimento não se dá, grandes são os desvios e as vacilações a que se expõem.

A entrega do livre-arbítrio

Quando a fé está presente, continuamos a usar o livre-arbítrio, mas para optar por seguir a vontade superior e não a vontade pessoal. Posteriormente, mais amadurecidos nesse caminho, podemos escolher entregar o próprio livre-arbítrio ao eu interior. E, mesmo quando temos de exercer o discernimento, podemos fazê-lo sem jamais esquecer que somos guiados e que tudo acabará como o eu interior prevê. Nossas escolhas se tornam, portanto, uma procura de fazê-las coincidir com a vontade maior, do profundo do ser.

Mas, algumas vezes, nos é dado esquecer que somos guiados, para vermos a diferença entre agir conduzidos interiormente e agir por conta própria.

Nessas situações equívocas, porém muito instrutivas, fazemos coisas com as quais não estamos de acordo. Perceber isso nos leva a querer deixar de agir por nós mesmos o mais depressa possível.

A entrega ao eu superior não quer dizer ausência de razão. A razão continua existindo, não temos de aboli-la. O exercício é usá-la sempre que necessário, da melhor forma, porém, a serviço de algo maior. É ofertá-la continuamente à sabedoria que está além, para que as energias superiores a alimentem e transfigurem.

Ao ficarmos inteiramente receptivos às energias superiores, usamos os atributos que temos sem nenhuma culpa ou reserva, sabendo que jamais estamos sós. As energias que agem por nosso intermédio acabam por nos ampliar a consciência e vemos, então, que não existe uma vida e nós, separados dela. Nossa própria vida fica à disposição da grande Vida que a inclui, e nada mais resta de fora.

Em Nome da Clareza

Os pontos de vista variam conforme os níveis de consciência em que as pessoas se encontram. A compreensão disso cria bases para a serenidade e para relacionamentos corretos.

Uma percepção da realidade

Como perceber o que é real e o que é fruto da imaginação quando nos chegam informações e notícias sobre civilizações intraterrenas e extraterrestres e suas manifestações externas?

O contato com seres dessas civilizações avançadas era normal em épocas passadas, como no auge da cultura egípcia, da indiana, da maia e de outras que atingiram elevado nível de desenvolvimento. Naqueles tempos pretéritos, a visão que se tinha do universo era menos materialista, e isso facilitava o relacionamento com os seres vindos de outros sistemas para auxiliar a evolução da Terra e do homem.

Tanto no passado como hoje, a clareza sobre esse assunto vem da visão espiritual. É que a mente, as emoções e os sentidos físicos captam apenas as dimensões materiais e concretas da vida, e não penetram realidades profundas, de outras dimensões do universo e de níveis de consciência mais sutis.

No universo, há vários planos de vida e consciência, cada um regido por suas próprias leis. Assim, o que é real em um plano pode não ser em outro. Materializações de objetos ou de seres extraterrestres, por exemplo, são tidas como realidade nos planos mais

densos. Se transcendemos esses planos, fenômenos dessa natureza deixam de acontecer ou se dissolvem na compreensão mais vasta que adquirimos.

Se um fenômeno ocorre, é preciso ver se é benéfico, isto é, se em contato com ele ampliamos a consciência e nos transformamos. Enquanto for um estímulo para o nosso desenvolvimento, pode estar inserido na realidade que vivemos e vibramos no mesmo nível em que ele acontece.

Mas podemos transcender o nível de ocorrência dos fenômenos. Assim, o que era verdadeiro para nós deixa de ser e novos aspectos da realidade, que não percebíamos, se revelam.

De modo geral, à medida que vamos evoluindo, perdemos progressivamente o interesse por manifestações fenomênicas e elas, assim, deixam de nos suscitar questões.

A vida além dos fenômenos

É comum que os extraterrestres e os intraterrenos presentes na órbita da Terra se manifestem por meio de luzes, e que algumas transitem no céu. Por ser o mecanismo de percepção humano mais desenvolvido no nível material, costumamos detectar esse tipo de manifestação e não outros, sutis e inacessíveis aos sentidos físicos.

Tais luzes, hoje bastante conhecidas, são apenas a forma externa com que esses seres evoluídos se apresentam, assim como o corpo físico é apenas um revestimento da nossa essência espiritual.

A função dos extraterrestres e intraterrenos entre nós não é gerar fenômenos. Para compreendê-los mais profundamente, teríamos de transcender a necessidade de assistir a suas aparições, teríamos de deixar de encará-las como meras curiosidades ou objetos de pesquisa.

A busca de fenômenos é um obstáculo ao desenvolvimento de aspectos mais sutis da consciência, aspectos mais universais. Esse desenvolvimento é para aqueles que completam o desenvolvimento da mente concreta e dão início às incursões pelos níveis supramentais da vida. Para esses, que se aproximam das leis imateriais, a concentração em fenômenos bloqueia o caminho à existência sem formas que se desenvolve nos níveis divinos do cosmos.

É bom ter claro que a busca de fenômenos não se limita à visão de coisas extraordinárias. Há, por exemplo, pessoas que, à procura de segura orientação, apresentam indagações ao seu eu superior e, depois, esperam respostas sensíveis, como as que receberiam pelo telefone; por estarem começando a firmar o relacionamento com o próprio eu interno, querem diálogos, imagens, sonhos ou materializações bem concretas. Todavia, é preciso ir além e ingressar em outros estados de percepção e de consciência.

A resposta a uma indagação emitida aos nossos níveis mais profundos nunca vem como esperamos. Algumas vezes, a falta de resposta sensível é uma prova à nossa fé e a maneira como reagimos a esse silêncio pode ser uma indicação do que precisamos aperfeiçoar em nós: a confiança em algo impalpável, existente no âmbito de leis menos concretas. Ademais, se pretendemos um

tipo de resposta determinado, por termos expectativas, a resposta que nos for dada pode passar despercebida.

Mas há uma forma de transcender o interesse por fenômenos, de abandonar a necessidade de impulsos sensíveis e de manter contato com a realidade imaterial. O caminho para isso é o desapego, do qual falaremos a seguir.

Desapego

O planeta encontra-se numa fase muito especial de sua evolução e passa por profunda mudança. O desapego é fundamental para os que a estão acompanhando, pois, sem desprendimento pelo que já é conhecido, não seria possível ingressar livremente no que está para vir.

O desapego deve deixar de ser mero conceito para os que procuram vivê-lo. Não deve ser apenas uma palavra acolhida com boa vontade, mas a superação efetiva dos laços terrenos e do conhecimento atual.

O desapego é sempre necessário para ampliarmos a compreensão, para contatarmos o que ainda não foi desvelado. Assim, tudo o que captamos, descobrimos, compreendemos e vemos deveríamos soltar tão logo tenha cumprido o seu papel de nos ensinar alguma coisa. Mas deveríamos desapegar-nos com amor e gratidão, cientes de que o objeto de nossa renúncia pode ser útil para os que estão em outros pontos evolutivos, ou até voltar a ser útil para nós mesmos em uma posterior etapa da vida.

O desapego ajuda-nos a ir além do nível dos fenômenos e coloca-nos em contato com o essencial, com o que não é efêmero e com o que tem raízes em planos

profundos. Se nossa intenção de nos desapegarmos persistir, as provas do dia a dia mostram-nos quão desprendidos estamos da existência material e daquilo de que ainda devemos despojar-nos.

À medida que nos desapegamos, o que ocorre em nossa vida física não nos afeta tanto e já não aplicamos tempo nem energia na análise de fenômenos. Aproveitamos, isso sim, todas as provas que ela nos traz como oportunidades de nos transformarmos.

O desapego é o principal fator na busca de uma vida mais avançada. Mesmo que sejamos organizados, dedicados, pontuais, obedientes e autocontrolados, mesmo que muitas virtudes já se façam notar em nosso ser, sem o desapego elas pouco valem para a compreensão da realidade dos planos internos.

Se não damos excessiva importância às coisas fenomênicas e externas, elas deixam de ser obstáculo para penetrarmos os níveis profundos da consciência e podem até ajudar-nos a fazê-lo.

Libertação

Com a prática do desapego percebemos que a maior parte do nosso ser e do universo não está nos níveis em que normalmente somos conscientes. Só um pequeno reflexo da nossa essência se encontra no que pensamos, sentimos ou fazemos. O que há de mais significativo na existência vive em nosso interior, além das dimensões onde há fenômenos e efeitos visíveis.

Se, com frequência, dirigimos a atenção aos níveis internos e superiores do nosso ser, podemos passar pelas provas mais dolorosas do nível físico, do emocio-

nal e do mental sem nos envolvermos com o sofrimento. E cada ser humano que consiga agir, sentir e pensar com amor e desapego ajuda a libertar os semelhantes ainda condicionados às impressões próprias dos planos materiais, que são secundárias perante as verdadeiras causas dos acontecimentos, perante o que nos move e o que dá vida ao nosso ser externo.

Embora tenhamos tarefas no mundo concreto, devemos sempre saber que, de um ponto de vista superior, não pertencemos a ele.

Essa consciência de que a raiz da existência está no interior do ser, na essência imaterial, permite-nos atualizar e aprofundar a perspectiva acerca de um dos fenômenos mais atraentes de hoje, que são as aparições de luzes e objetos desconhecidos no céu. Se estivermos presos a fenômenos, reduziremos a oportunidade de vê-las a uma pesquisa ou a um divertimento, enquanto poderíamos estar usufruindo sua irradiação interna, evolutiva e transcendente.

O relacionamento harmonioso e seguro com a realidade suprafísica que está por trás desse fenômeno é possível por meio da intuição. A telepatia mental também pode ser usada para isso, mas é recurso dos que ainda não estabeleceram contato mais profundo, de alma, com a essência espiritual ou divina dessas luzes e objetos.

Contatos evolutivos

Quando o contato com extraterrestres e intraterrenos se realiza isento de ilusões, a consciência humana

pode receber auxílio para sua ascensão. A segurança nesses contatos está na ausência de envolvimentos com os planos psíquicos da Terra, especialmente o astral-emocional.

Pessoas desencarnadas que habitam o plano astral podem produzir fenômenos que não nos ajudam a elevar a consciência. Em geral, esses fenômenos de origem astral alimentam as ligações com o mundo físico, o apego às coisas materiais, a pessoas ou a situações concretas. Diferente é o estímulo promovido pelo contato puro e autêntico com seres avançados de outras dimensões. A irradiação de sua energia conduz ao despertar ou ao fortalecimento do aspecto espiritual da vida, leva-nos a um estado mais fraterno e universal.

Procuremos ver qualquer fenômeno com imparcialidade, cientes de que, em certos casos, eles podem acrescentar algo à nossa compreensão acerca da vida e da união com o cosmos e de que, em outros casos, podem distanciar-nos e prender-nos mais à Terra e aos nossos aspectos humanos que poderiam ser superados.

Embora as aparições no céu sejam um fenômeno, vê-las pode constituir um caminho para perceber a sua essência em planos imateriais, se estivermos livres de curiosidade. Quase sempre, nesses planos sutis estão as lições de que precisamos, e o desapego do que é conhecido constitui o primeiro passo para chegarmos a elas.

Pela falta de percepção intuitiva, principalmente entre estudiosos e pesquisadores de fenômenos, a literatura e as informações a esse respeito são heterogêneas e a incompreensão por esses seres de outros mundos que estão a serviço da evolução da Terra é quase geral.

O contato com a essência que anima esses fenômenos ainda se mantém restrito. Mas, quando o caos se generalizar sobre a Terra, quando a natureza der início a maiores reações aos desequilíbrios que lhe têm sido impostos e quando a sobrevivência se fizer impossível em várias áreas do planeta, o contato com realidades suprafísicas se ampliará. As naves extraterrestres e as intraterrenas se apresentarão abertamente para cumprir suas tarefas, e muitos já terão percebido o que está além dos fenômenos que hoje tanto intrigam.

Aberto à intuição, o ser humano ficará diante de fatos insólitos com naturalidade e saberá conviver com eles sem se confundir.

Em um livro espiritual sobre Ioga está escrito que, unicamente pela possibilidade de contato interplanetário, podemos ter certeza da evolução da humanidade. Aspirar a esse contato não é um sentimento material, mas um estado que brota quando algo em nosso mundo interior se põe em movimento e nos liga com a vida única, cósmica, em que fronteiras e formas não prevalecem.

Cura e Oportunidade

A sucessão das etapas da vida obedece a ciclos. É inútil forçar o ingresso nelas antes da hora: é quando estamos prontos que surgem, espontaneamente, oportunidades para isso.

Viver sem culpa

Muitas vezes, nos indagamos sobre como fazer para nos liberarmos de um sentimento de culpa. Sabemos que ele aparece quando tomamos consciência de ter cometido erros. Sabemos também que o sentimento de culpa não nos ajuda a melhorar, pois não é quando nos arrependemos que compensamos nossos atos negativos, mas sim quando praticamos atos de qualidade diferente.

Na verdade, o sentimento de culpa provoca o escoamento de uma energia que poderia ser canalizada evolutivamente, quiçá até no reparo do ato praticado. Mas que fazer para não deixar esse sentimento tão desvitalizador instalar-se em nosso ser?

O primeiro passo para nos libertarmos da culpa é compreender melhor por que erramos. Em geral o fazemos por ignorância. Erramos por desconhecer as leis superiores da existência, por estarmos habituados com leis mais imediatas e materiais.

Quando desconhecemos as leis evolutivas superiores, nossa responsabilidade pelos erros é apenas parcial, pois só podemos agir de acordo com leis mais profundas e universais quando começamos a sair

da ignorância. A responsabilidade é proporcional ao desenvolvimento da consciência. Não devemos, pois, culpar-nos por algo que não poderíamos ter feito de outra forma. Pelo contrário, reconhecer um erro praticado indica um novo despertar da consciência e, por isso, devemos ter alegria.

O segundo passo é equilibrar nossas faltas com atos contrários. Se tomarmos consciência de que nosso comportamento normal pode enquadrar-se nas leis do convívio social, mas que, nem sempre, obedece a leis como a do Amor-Sabedoria, provavelmente reconheceremos que fazemos coisas indevidas. Se nos dispusermos a equilibrar nossas falhas, essas mesmas leis superiores nos trarão oportunidade para isso. Cabe-nos apenas reconhecer a oportunidade e, diante dela, agir de maneira nova.

A pessoa inteligente e decidida a acertar não precisa cair na armadilha do sentimento de culpa. Pode canalizar sua energia para atos positivos e, assim, compensar efetivamente o que fez. E, graças ao incômodo moral em que se encontra, pode sintonizar com as leis superiores, incompreendidas pela maioria.

Uma delas é a Lei do Amor-Sabedoria, à qual já já nos referimos. Rege a prática de um amor universal, que leva a um equilíbrio abrangente, não de um amor humano que, por visar apenas a criaturas ou a situações isoladas, consideradas à parte do Todo, termina por nos aprisionar e não por libertar.

Outra dessas leis é a da Purificação que, se observarmos bem, age em consonância com a Lei do Amor-Sabedoria.

A Lei da Purificação

A purificação é um processo pelo qual nossos corpos – o físico-etérico, o emocional e o mental – se liberam dos elementos espúrios que lhes foram agregados no decorrer de encarnações. É libertadora porque elimina esses resíduos, que são um obstáculo à evolução.

A purificação pode dar-se por meio de um sofrimento físico, moral ou espiritual, ou por meio de qualquer movimento de nosso ser interior no sentido de deslocar o ego de certas posições retrógradas.

A purificação libera energias presas em estruturas ultrapassadas que continuamos a adotar, destrói os elementos recalcitrantes que fazem parte do nosso dia a dia. É comum estarmos habituados a esses elementos e apegados a formas de vida que já não são atuais para nós; por isso, nem sempre aceitamos de bom grado a purificação e costumamos considerá-la incômoda.

Para estarmos em sintonia com a lei que rege a purificação e colaborarmos inteligentemente com o seu cumprimento, temos de assumir uma postura de aceitação, um estado de despreocupação e neutralidade diante dos acontecimentos trazidos pelo destino.

Devemos fazer como os gatos: não se machucam quando caem, porque permanecem relaxados. Entretanto, não se trata de passividade, nem de indiferença. Não se trata, tampouco, de uma espera de que aconteça algo extraordinário segundo o nosso entendimento humano. É um relaxamento que surge quando sabemos que a purificação possibilita a conexão com

níveis de consciência superiores e o ingresso em uma vida mais ampla.

Temos de adquirir essa certeza interior e, com o coração, participar dela, vivê-la sem receios.

Com a aceitação e o relaxamento, permitimos que a Lei da Purificação atue livremente em nós: deixamos que sua energia harmonizante flua e cure, removendo obstáculos e resíduos acumulados.

Depois de certo grau de purificação, é mais simples nos conectarmos com o que temos de mais elevado. Se a purificação nos deixa mais lúcidos nos planos terrestres, pode também levar-nos a conhecer nossa vida interior, nossa vida em outras dimensões, e a cumprir nossa meta superior.

Se o universo utiliza a Lei da Purificação em nós e no planeta em que nos encontramos, não o faz para nos castigar; o universo não é vingativo. Ao aplicar essa lei, está dirigindo as criaturas para o verdadeiro caminho a elas destinado. Durante esse processo de reajustes, se estivermos atentos às oportunidades dadas de transformar-nos, veremos que o universo fornece ajudas para não haver traumas, mas apenas a limpeza necessária.

Quando colaboramos de maneira inteligente com a Lei da Purificação, valendo-nos de cada oportunidade, sutilizamo-nos e deixamos de ter culpas. A ansiedade e a pressa também desaparecem, porque passamos a nos transformar ininterruptamente para melhor. Vai começando a brotar em nós uma profunda, porém nova, insatisfação, agora sadia e calma, que nos leva a passos definitivos para superarmos as limitações e os condicionamentos que nos faziam sofrer.

Se visualizamos de imediato onde a Lei da Purificação nos quer conduzir e de bom grado nos deixamos levar por ela, todo e qualquer incômodo e atrito com as situações que surgem em nossa vida é mitigado ou desaparece.

A libertação de limitações e condicionamentos

Há ambientes aparentemente hostis à evolução superior e neles podemos encarnar quando o carma assim escolhe.

Do ponto de vista humano, essas condições cármicas podem parecer uma grande limitação. Mas de um ponto de vista mais amplo, espiritual, certas restrições são consideradas estímulos, pois a alma tem de transformar a situação. Se nos sentimos contrariados com essa tensão temporária, é porque ainda não reconhecemos a ajuda que pode dar ao nosso desenvolvimento espiritual.

Quando ficamos sabendo que a evolução superior nos espera, devemos ter cautela para não complicar a estrutura terrestre em que nos encontramos. Ao mesmo tempo que temos de considerar essa estrutura como fonte de grandes oportunidades evolutivas e de experiências vivenciais, não deveríamos reforçá-la ou perpetuá-la.

Com essa atitude compreensiva e paciente, harmonizamo-nos com o que nos rodeia e, assim, passamos a atrair a paz indestrutível dos planos superiores da

consciência. A cura começa a fluir desses planos, e pode não se restringir a nós, mas irradiar-se para o ambiente em que vivemos. Os problemas vão, então, se resolvendo a partir de transformações em nosso ser, e não de atitudes meramente externas, superficiais e pouco duradouras que possamos tomar.

As limitações são negativas apenas enquanto lidamos com elas como se fossem uma prisão. Mas a consciência humana, por mais limitada que se considere, é só uma pequena parcela do nosso ser. Ela é apenas uma projeção do nosso eu universal e superior. E a tarefa atual da humanidade é perceber essa sua realidade transcendente, perceber níveis de existência que ficam além desses conhecidos na matéria mais densa.

A humanidade é um reino da Natureza que está evoluindo e que não precisaria viver em conflito. Quando descobre níveis supra-humanos de vida, deixa de circunscrever-se a leis físicas e mentais, que causam atritos.

Um novo estado de consciência começa a fazer-se presente em algumas pessoas, mas para de fato ingressarem nele é preciso dirigirem-se ao mundo interior e aderirem com serenidade à Lei da Purificação, tão necessária ao corpo físico, ao emocional e ao mental.

O primeiro passo é atenção ao mundo interior, às suas sugestões e impulsos, é procurar não desprezá-los mesmo quando vêm abalar as estruturas humanas.

Três Processos de Cura

Por meio de uma ação interna, da qual a personalidade nem sempre tem consciência, constrói-se a ligação com a alma. A partir daí, o caminho espiritual passa a ser trilhado com simplicidade e a pessoa se percebe obra do grande arquiteto universal.

Como buscar a cura

Existem basicamente três modos de buscar a cura. O primeiro é o de usar medicamentos e cirurgias próprios da medicina. O segundo, o de tratar-se por meio de técnicas da psicologia, o que implica reconhecer conflitos e resolvê-los em nível mental, emocional ou etérico-físico. Esses dois modos podem ajudar, mas são de fato efetivos só quando empregados simultaneamente com o terceiro; caso contrário, são paliativos, porque não removem a causa profunda, oculta, do desequilíbrio – apenas eliminam efeitos.

O terceiro modo de buscar a cura, não reconhecido por muitos, é o de conectar-se com os níveis internos do próprio ser e receber deles a energia que proporciona a harmonia e o equilíbrio.

Em épocas passadas, essa possibilidade era mais rara porque, de modo geral, a consciência humana se encontrava identificada em demasia com o mundo concreto. Éramos muito dependentes dos meios paliativos de cura. Mas agora essa possibilidade está mais acessível, visto ter a humanidade atingido um ponto de desenvolvimento que permite às pessoas entrar em contato com seu núcleo espiritual.

Assim, o que temos de fazer é perder as resistências a essa conexão e querê-la acima de tudo. Com a vontade

e com a mente, construímos aos poucos a ponte que nos levará a níveis profundos, onde a cura existe.

Se mantivermos a intenção firme e a mente concentrada nela com fidelidade, o contato começa a formar-se ou, quando já existente, a fortalecer-se.

Obstáculos à cura

Antigamente quase todos os seres humanos precisavam de alimentos de origem animal, porque seus corpos viviam num estado mais denso. Entretanto, os que se sutilizaram no decorrer de suas encarnações através dos milênios superaram tal necessidade. Hoje em dia, a maior parte dos alimentos de origem animal podem ser deixados de lado, pois, além de desnecessários para quem iniciou a própria purificação, dificultam o contato com os níveis profundos da consciência, de onde vêm a saúde e o equilíbrio.

Quando ingerimos carne, ela entra em putrefação em nosso organismo antes mesmo de ser eliminada. As energias mais sutis veem-se, então, impedidas de nos permear, porque nossos meios internos de absorção ficam obstruídos com esse material putrefato e restritos ao que vem do mundo externo.

Além do mais, quem se alimenta de carne colabora para a perpetuação do sofrimento humano, devido à lei do carma. É que, segundo essa lei, no universo, toda ação gera reação igual e contrária. Assim, uma das causas das doenças físicas e psíquicas que acometem a humanidade é a matança de animais perpetrada continuamente. Temos de pactuar o menos possível com

essa matança se quisermos equilibrar o pesado carma da humanidade como um todo e também o nosso, individual.

Outro fator que dificulta a conexão com os níveis superiores é a ação egoísta: querer saúde para benefício próprio, por exemplo. Se almejamos a saúde apenas para nos sentir bem, tendemos a afastar os efeitos; então, tomamos analgésicos ou fazemos uso de outros paliativos sem enfrentar a causa da dor, portanto, sem resolvê-la. Removemos os incômodos, mas sua raiz permanece, embora escondida, por algum tempo.

Diferente é a situação quando queremos saúde para servir melhor, para ser mais úteis. É então que as forças superiores do universo começam a atuar em nós e, realmente, nos curamos.

Observemos o Sol: ele não guarda calor para si. Pelo contrário, irradia continuamente seus raios e permite a vida na Terra sem esperar nada em troca, sem vigiar o que fazemos com o calor que nos doa. Sempre que agirmos com o mesmo espírito, conheceremos o estado sublime da fraternidade, da doação incondicional, do amor impessoal. Transcenderemos os aspectos humanos do nosso ser e descobriremos o que há nele de mais universal.

A cura de crianças

Para as crianças, o caminho da cura não é diferente do seguido pelos adultos. Só que elas têm o eu espiritual menos encarnado, pois o seu corpo físico, o emocional e o mental ainda estão em formação.

O processo encarnatório do ser humano, em geral, se completa por volta dos 21 anos. Colaborar com a cura de alguém que ainda não chegou a essa idade é, portanto, prover meios de seu eu interno encarnar com mais harmonia no mundo concreto e participar dele de maneira construtiva.

É claro que cada caso é único e incomparável a outros e que as enfermidades, seja de crianças, seja de adultos, precisam de acompanhamento médico. Mas, combater a enfermidade sem compreendê-la, mesmo com a ajuda de médicos, significa adiar um problema.

A febre, por exemplo, costuma ser um meio utilizado pelo eu espiritual da criança para eliminar substâncias, às vezes hereditárias, dispensáveis à sua trajetória na Terra. Portanto, cortar abruptamente uma febre, em alguns casos, pode frustrar a transmutação de certas impurezas.

Descobrimos como ajudar uma criança doente se nos conectamos com nosso próprio eu espiritual e se consideramos a criança, por sua vez, um eu espiritual. Feito isso, do nosso mundo interior é transmitida para nós a vontade do eu espiritual da criança e, assim, podemos ajudá-la a cumpri-la. Mas não pode haver, de nossa parte, possessividade pela criança e, tampouco, suposições sobre o que se passa com ela.

Pode ocorrer também que, realizada essa conexão, outro seja o agente que venha prestar ajuda. Certa vez, assisti a um caso curioso: a mãe de um menino doente disse-me que não sabia mais o que fazer para ajudá-lo a curar-se. Respondi-lhe que sintonizasse com o seu eu superior e que tivesse fé. No dia seguinte, o pediatra, que era alopata, disse-lhe: "Como já tentamos tudo e

não deu certo, vamos tentar outra coisa?", e propôs um tratamento naturista, numa orientação inesperada e diferente da habitual. A mãe ficou surpreendida, pois tal proposta em situação normal jamais viria daquele médico. Era evidente que ele respondia, sem saber, ao apelo que a mãe havia feito ao eu superior.

O eu espiritual pode, como nesse caso, usar uma pessoa próxima a nós para indicar-nos a direção correta. Para colaborarmos nesses casos, temos de desenvolver a impessoalidade e saber que não importa quem é o escolhido como instrumento para esclarecer-nos; cabe-nos reconhecer o trabalho a ser feito sem aplicar resistências aos meios ou aos ajudantes que nos estão sendo concedidos.

A cura do planeta

À medida que nos tornamos receptivos à vontade do eu espiritual, ficamos cientes da necessidade de ajudar na cura do planeta. Mas como pode um ser humano atuar em algo tão maior que ele?

Cada planeta tem uma aura magnética e psíquica formada pela soma das auras dos seus habitantes. Tudo o que compõe a aura individual desses seres, portanto, influencia a aura planetária, pois é parte dela.

Se harmonizamos nossa aura, pela qual somos responsáveis, estamos colaborando na harmonização da aura do planeta. Fazemos isso elevando a qualidade de nossos pensamentos, sentimentos e ações, purificando a alimentação, procurando ter um sono tranquilo e reparador, organizando o melhor possível a vida diária.

Se nos dedicamos a essa harmonização não por egoísmo, mas com intenções amplas e altruístas, nossa aura recebe energias especiais que muito a fortalecem.

Vida mais perfeita

A cura do planeta começa com a dos seres que o habitam. Mas, às vezes, o eu espiritual está pronto para servir conforme a lei evolutiva e a personalidade não responde convenientemente ao seu chamado. Mediante essa resistência, ela passa a manifestar uma série de desequilíbrios: angústia, depressão, alienação, esclerose, tumores, doenças diversas. O sofrimento que vem deles tem a função de despertar a personalidade para o que é real e necessário.

Se nos voltarmos para o centro da consciência e perguntarmos: "Qual é minha verdadeira vida?"; "Que estará delineado para ela?"; "Que lugar devo ocupar neste mundo?"; "Que caminho me cabe seguir?"; "Que devo mudar para cumprir a vontade maior do meu ser?", sentiremos algo mover-se internamente. Mesmo que não haja resposta imediata, deveríamos continuar tentando estabelecer a conexão com o nosso eu espiritual, pois o fato de nos dedicarmos a isso produz sempre deslocamentos, mesmo que imperceptíveis a princípio.

Diferenciamos a vontade superior da nossa vontade humana pelos seus efeitos. Se a vontade humana prevalece, continuamos a ter reações emocionais: gostamos ou não de uma coisa, ficamos entusiasmados ou desanimados perante uma situação, vaidosos ou depri-

midos perante outras. A vontade superior não provoca tais reações. Quando a seguimos, realizamos o que é necessário sem perceber os resultados e, só depois, nos damos conta de que crescemos em consciência.

Ao perguntarmos ao profundo do ser qual é a meta da nossa vida, saberemos o primeiro passo a dar; e, à medida que formos obedecendo às indicações recebidas, novos passos nos serão mostrados. Não nos é pedido saltar grande distância de uma só vez, mas apenas aquela para a qual estamos capacitados. Assim, passo a passo, vamos caminhando para o nosso verdadeiro destino.

Transforme-se

Quando a pessoa não retarda
seus passos, quando ama a verdade
e não se entrega à separatividade
e ao egoísmo, experimenta
grandes transformações.

Informação e conhecimento

Informação e conhecimento não são a mesma coisa. Uma informação sobre os fatos da vida espiritual, por exemplo, só nos leva ao conhecimento desses fatos quando há em nós intenção de nos transformarmos, receptividade para o novo e fé. É a fé que nos proporciona a coragem de penetrar algo completamente inédito. Sem ela, a possibilidade de chegarmos ao conhecimento fica bloqueada, pois é pela fé que aceitamos como verdadeira uma informação ainda não comprovada.

O saber intelectual restringe-se ao nível da informação, não é conhecimento real. De nada serve se não é posto em prática, vivido. No final da encarnação, o intelecto, aspecto efêmero do nosso ser, se desintegra, e a consciência leva consigo somente o que de fato absorveu.

A vivência assimilada é o conhecimento real. Há até mesmo certas coisas que sabemos sem ter tido conscientemente nenhuma informação prévia a respeito. Esse conhecimento advém daquilo que, embora não lembremos, pusemos em prática nas vidas anteriores e passou a fazer parte de nossa natureza.

Quem tem autêntico conhecimento fica imparcial e tranquilo diante de qualquer situação. Sabe que tudo vem para ensinar alguma coisa.

O conhecimento não é adquirido em escolas. A ideia de que ele vem de programas curriculares só poderia surgir num mundo limitado. O conhecimento é fruto da aceitação dos fatos da vida; vem de aprendermos com eles e de nos transformarmos com base nas lições que trazem.

Os níveis da verdade

Existem muitos planos de consciência: o físico, o emocional, o mental, o intuitivo, o espiritual, o monádico, o divino e o cósmico. Cada um deles é composto de subníveis e tem suas próprias leis. O que é verdade num nível ou subnível não o é, necessariamente, em outro.

Na Terra, por exemplo, há certas leis nos planos materiais muito diferentes de outras, de planos superiores. Tal é o caso da lei de subsistência, da luta pela vida. Ela é verdadeira para quem busca em primeiro lugar as coisas materiais. No momento em que a pessoa começa a se transformar e a buscar o espírito, entra em um nível de consciência mais elevado. Ali, acima dos níveis materiais (o físico, o emocional e o mental), a lei é a enunciada por Cristo quando mencionou os lírios do campo que, embora não teçam nem fiem, se vestem melhor que um glorioso rei.

Por que os lírios do campo não tecem nem fiam e são mais bem vestidos que os seres humanos?

Porque o reino vegetal segue uma lei superior que o reino humano não segue: a da pura doação. Uma flor não é bela por motivos egoístas, mas em louvor à vida. Uma verdura ou uma fruta não sofrem quando são usadas como alimento, pois a alegria do reino vegetal é servir a um reino superior a ele.

Outra lei que o reino vegetal segue é a de crescer em direção ao alto. Isso corresponde, no reino humano, à aspiração espiritual.

Vemos, pois, que cada plano tem a sua verdade. Por isso, ninguém pode descobrir a verdade completa; ela é desvelada gradualmente, já que, por sermos todos regidos por uma lei evolutiva, há sempre um plano além daquele em que nos achamos e, nesse plano superior, há uma verdade mais abrangente. Se estamos desapegados do que já sabemos e abertos à transformação, nossa consciência se eleva de um plano a outro e nossa compreensão se expande continuamente.

Profecias

Devido à verdade ampliar-se conforme a elevação da consciência, toda profecia é relativa. Há estudiosos que preveem, por exemplo, a data de um fato importante. Sua previsão é verdadeira no nível em que captaram aquela conjuntura, mas não no nível acima; e, quando este último predomina, o fato pode não se dar como foi previsto.

Com base em cálculos a partir das medidas das pirâmides do Egito, alguns afirmam que o eixo magnético da Terra está para mudar de posição e que ocorrerão profundas transformações na crosta terrestre.

É impossível fixar uma data para essas grandes mudanças físicas que a Terra deve sofrer. Mas algumas delas já estão acontecendo e podemos perceber seus sinais: a poluição ambiental, o derretimento das calotas polares, as várias alterações climáticas.

Embora todos saibam do que está por vir, raros são os que buscam uma forma mais elevada de vida. A maioria recebe a informação e não se transforma, mesmo admitindo a própria corresponsabilidade em fatos desequilibrados e negativos.

Por isso, o mais urgente para a humanidade não é conhecer profecias, mas sair do plano em que está e ficar diante de outras leis, as mesmas que estão transformando a Terra. Já não devemos buscar informações por curiosidade. Devemos usar de maneira positiva e dinâmica a energia de transformação hoje presente no planeta e nos tornarmos receptivos ao desconhecido.

Se percebemos que vão faltar alimentos, nossa mente nos impulsiona a armazená-los, pois age com base em leis físicas, limitadas. Contudo, não é armazenando que saímos da miséria; pelo contrário, enquanto armazenamos contribuímos para que os bens não circulem e a abundância não se faça. Ficamos, então, presos a certas leis da matéria. Quanto às leis supra-físicas, levam-nos a fazer exatamente o oposto: lidar com bens materiais desapegadamente e, se preciso for, distribuir o que temos.

Mas aqui tocamos em um ponto importante: para que a lei superior da abundância se cumpra, é necessário viver segundo os seus desígnios no plano em que nos encontramos. Se distribuímos os bens sem nos doarmos a nós mesmos, o resultado é uma carência maior, ou de outra espécie.

A mente também diz que, nestes tempos de incertezas, precisamos de segurança e, assim, há quem procure um lugar livre de contaminação nuclear e de cataclismos para morar. Em certos países, as pessoas cuidam de transferir-se para as montanhas ou para o interior, longe do mar. Isso, muitas vezes, é ilusão, pois não é apenas com deslocamentos físicos que saímos do caos. A segurança e a harmonia são encontradas quando mudamos o estado de consciência e ingressamos em outras leis.

Que fazer para mudar?

Se pautarmos a vida pelo intelecto, por mais que tenhamos informações sobre a realidade essencial das coisas, continuaremos enfocados em fatos efêmeros e envolvidos com o mundo físico, o emocional e o mental. Sem ampliar e elevar nossa consciência, ao lutarmos contra o desejo de bens materiais, este aumenta. Se dermos muita atenção às nossas resistências a ingressar em novos estados, elas são reforçadas. Essas resistências e esses desejos são verdadeiros nos níveis inferiores da consciência, mas não o são nos superiores. Onde, então, estará a possibilidade de mudança? Não seria no contato com esses níveis superiores?

O primeiro passo para a transformação é sabermos que não precisamos rejeitar a nossa natureza. Trata-se de agir da melhor forma possível, porém, cientes de que nossas atitudes são adequadas somente ao nível que conhecemos. Ao mesmo tempo que procuramos a harmonia nesse nível conhecido, devemos estar receptivos a níveis superiores.

Os níveis acima do físico, do emocional e do mental ensinam-nos o que temos de saber sem precisarmos de análises. Dissolvem envolvimentos afetivos sem termos de lidar com as emoções e nutrem o nosso corpo material independentemente do que estamos ingerindo. Para isso, entretanto, é necessário estarmos confirmando sem cessar nossa meta evolutiva e dispormo-nos a alcançá-la.

O que até agora compreendemos acerca do mundo é verdade nos planos de existência conhecidos. Mas há outros planos, e nossa compreensão pode alargar-se mais e mais. Por isso, por elevada e correta que seja a vida que levamos, é bom desapegarmo-nos dela, pois há mais a ser descoberto. Essa é a chave para viver em harmonia nesta época de vertiginosas transformações.

Experiências sob leis suprafísicas

Se estivermos prontos a nos transformarmos, teremos inusitadas experiências. Esse é o caso dos que percebem os mundos intraterrenos em planos suprafísicos onde civilizações mais avançadas que a nossa se desenvolvem. Para ingressar nesses estados de consciência, ou mundos, não há nenhuma entrada física, pois estão num plano superior. Algumas pessoas simplesmente adormecem e, durante o sono, deixam o corpo material e atingem um plano de existência mais sutil. Ao fazê-lo, encontram-se nesses mundos intraterrenos. Ali aprendem várias coisas que precisam e depois despertam, retornam. Em poucos minutos "de sono", é como se tivessem vivido séculos, tanto aprendem.

Essas experiências dão-se sob leis diferentes das materiais. Se mudamos de plano, passamos a ser regidos por elas, que nos permitem amplos deslocamentos sem dificuldades. Tempo e espaço deixam de condicionar-nos, o que significa para nós uma espécie de libertação.

O Despertar da Terra

A atual transição por que passa a Terra
foi preparada há milênios.
É conduzida por Inteligências e Energias
suprafísicas portadoras da Sabedoria Eterna
e permitirá a transcendência
de vários aspectos materiais

A ajuda que vem do cosmos

Um instrutor da humanidade disse, certa vez, que não era fácil concretizar o Plano Divino na Terra. Segundo ele, apesar do grande trabalho das energias dos mundos suprafísicos, que se valem de todas as oportunidades possíveis para irradiar fios de luz aos planos materiais em benefício de todos, os seres humanos acabam usando esses fios em "remendos caseiros".

Na atual fase crítica da Terra, provas e sofrimentos pungentes são vividos por seus habitantes; mas muita luz lhes tem sido enviada, visando ajudá-los a entrar em um novo estado de consciência, que velozmente se instala.

Assim, embora a inércia predomine em muitos e, em todos os setores da vida externa haja grande desordem, acontece também um dinâmico despertar para a vida espiritual.

O contato da consciência humana com a luz cósmica sempre ocorreu, porém, de modo velado para a maioria. Na atual etapa, maior número de pessoas pode atingir uma compreensão universal, encontrar essa luz dentro do próprio ser e passar a expressá-la.

No presente despertar da Terra, estamos sendo informados pela luz que nos chega à consciência acerca de civilizações suprafísicas existentes em outras dimensões, eventualmente em mundos intraterrenos.

Entre essas civilizações, uma das mais atuantes nos níveis internos do planeta é a que se conhece com o nome de Erks. Mencionada com frequência em obras de ciência espiritual, encontra-se em área subterrânea e sutil da região de Córdoba, na Argentina. Silenciosamente, desconhecida da maioria, há milhares de anos, interage no plano das almas com a humanidade da superfície da Terra para ajudá-la na grande crise que atravessa agora. Foi sendo revelada àqueles que puderam erguer-se acima do denso modo de viver da maioria

Erks mostra-se à percepção interna instruindo, curando e canalizando as novas energias cósmicas que estão transformando o planeta.

Até há pouco, quase todos vivíamos sob a lei da evolução natural, a mesma que regula os reinos menos avançados que o humano. Raros eram os que a superavam. Na etapa atual, porém, a civilização de Erks está harmonizando as almas humanas com a lei evolutiva superior por meio da divina estimulação à parte mais interna dos seres.

A lei evolutiva superior trata do desenvolvimento espiritual, profundo, dos que se dispõem a transformações mais abrangentes. Mas, para que essa lei atue, requer-se o cultivo do desapego: não se envolver além

do necessário com a vida material nos níveis em que a humanidade normalmente vive polarizada. Isso não quer dizer desprezo e, tampouco, indiferença pela vida física, emocional e mental terrestre, pois, quando estamos sob a lei evolutiva superior, amamos a tudo e a todos, mas desapegadamente.

Como civilização espiritual, Erks nos revela o exato equilíbrio para que o desapego não se torne desamor. Sede do conhecimento iniciático e do despertar da consciência divina, age também como uma das maiores bases de resgate dos habitantes da Terra em condições de ingressar numa vida interior sincronizada com ritmos cósmicos.

Por sua onipresença, a luz de Erks atua em qualquer ponto do planeta, preparando subjetivamente cada um de nós para contatar a essência imaterial do próprio ser e cooperar com as entidades inspiradoras dos que transcenderam a evolução humana.

O aprendizado para estabelecermos esse contato dá-se interiormente e pode expressar-se por meio de sonhos, visões, percepções, materializações ou experiências especiais. Mas esses fenômenos são apenas um reflexo da vida interior no mundo externo e não devem ser confundidos com o estado de iluminação emergente do profundo do ser.

Remendos caseiros

Diante de informações sobre a grande transformação pela qual a Terra já está passando e ainda passará,

muitos ficam preocupados: "Quando vão cumprir-se as profecias?" "Quando acontecerão os cataclismos?" "Quanto tempo de vida ainda terei?" "Terei perdido oportunidades?" Essas perguntas representam o mundo externo e suas inquietações por coisas passageiras, mundo que se prende ao conceito de tempo determinado pelos movimentos planetários de rotação e de translação.

Mas o que importa para a evolução superior não é o tempo que corre, nem o tempo que falta ou o tempo que já passou; importam, isto sim, os passos dados, o desenvolvimento do Espírito.

O preparo para a evolução superior é, pois, realizado além do tempo e do espaço, e não trata diretamente do que ocorre na personalidade humana. Apenas nos leva ao cumprimento de leis maiores, a nos conectarmos com a vida interior, também chamada Eternidade.

Não precisamos confundir vida interior, que é a vida do Espírito, com o dia a dia, humano e pessoal. A vida interior nada tem a ver com o lugar físico onde moramos, com a nossa atividade profissional ou estado civil. Não precisamos mesclar a realidade de outros planos de consciência com exterioridades criadas, muitas vezes, por nossos contatos com forças involutivas.

Se confundirmos esses dois níveis distintos, perdemos a clareza e acabamos fazendo remendos caseiros com os fios de luz recebidos do cosmos e, assim, desperdiçamos a energia disponível para a verdadeira transformação que nos aguarda nesta época tão especial.

A transição da Terra e da humanidade

O presente grau de densidade da Terra reflete a torpeza da civilização que habita sua superfície e essa torpeza é determinada pelo nível de consciência em que a humanidade em geral ainda se encontra. Mas, como estamos ampliando a consciência, haverá uma mudança: ingressaremos em uma etapa superior, de valores mais elevados.

Trata-se de uma mudança gradual e quase imperceptível por enquanto. Muitos ainda estão voltados para os níveis externos da consciência e pensam, por exemplo, que a transição vivida pelo planeta resume-se à destruição de continentes por terremotos. Embora isso possa fazer parte da transição, é apenas um aspecto físico, não é tudo. E não é o mais importante.

A transição da Terra é, fundamentalmente, a passagem da lei material para a lei evolutiva superior. Abrange ampliação na consciência e crescimento espiritual. Terremotos e outras manifestações físicas acontecem por acréscimo, mas têm importância secundária para os que se polarizam nos planos internos do ser.

Está próximo o momento em que a presente civilização se dissolverá, como aconteceu no passado com a de Sodoma e Gomorra, com a da Atlântida e com a da Lemúria. As estruturas criadas nos três níveis mais densos da Terra – o mental, o emocional e o físico – caminham para a autodestruição. Nossa verdadeira vida, entretanto, é interior, e as energias espirituais prosseguem seu trabalho evolutivo – se estamos receptivos a mudanças significativas na consciência.

Essa transformação, já em ato, dá-se segundo as necessidades de cada região do planeta e de cada grupo de seres. Segue também uma ordem interna, inserida em esquemas cármicos mais amplos, de que o planeta faz parte.

As civilizações suprafísicas existentes na Terra têm, entre suas tarefas, a de ajudar-nos a dar esse passo. Erks, por exemplo, que acolhe consciências e entidades vindas de mundos distantes para colaborar com a Terra, inspira-nos a buscar realidades cada vez mais amplas e sutis, que nos abrem as portas para todo o sistema solar. Como base de operações intergaláticas que também é, Erks coloca-nos diante do limiar de mundos de harmonia e desvela a existência cósmica aos que se iniciam nessas dimensões.

Lei material e lei espiritual

Enquanto uma pessoa é regida pela lei material, para ter uma casa, por exemplo, precisa de dinheiro para comprá-la e, normalmente, passa a viver em função de consegui-lo.

Desde o remoto passado, a preocupação com subsistência foi constante, porque as pessoas sempre concentraram sua energia na satisfação de necessidades concretas. Identificadas apenas com essas necessidades externas, permaneceram restritas à lei material, nos limites regulados pelo carma terrestre, ou lei de causa e efeito. Mas, quando a pessoa desloca o foco da atenção para uma lei espiritual superior e pauta a vida pelo que essa lei aponta, as necessidades de

todos os níveis são supridas de maneira harmoniosa, sem lutas. À medida que essa mudança de enfoque for acontecendo em cada ser, o nível material da Terra vai sendo reorganizado.

A adesão a leis mais amplas é imprescindível, pois não se pode construir nada de novo sobre velhos e desgastados alicerces. E eles não podem ser arrancados, a menos que uma energia purificadora, poderosa, entre em ação.

A vida na lei evolutiva superior não dá margem a concessões ao que é ultrapassado e distante da meta espiritual. Contudo, tais concessões predominam nesta civilização regida por leis materiais e pelos jogos das causas e efeitos. Servir a dois senhores ainda é a norma aqui. Uma pessoa pode, por exemplo, egoisticamente suprir as próprias necessidades, nem sempre reais, às expensas de outras. Isso só é possível pelas ilusões que ela mesma cria e nas quais vive, pela confusão que faz entre hábitos ancestrais e necessidades verdadeiras.

Diferente é a situação daquele que está a caminho de libertar-se; este deve ter claro a que está servindo, se ao egoísmo ou ao amor. Se para ele a lei do carma material, os processos psicológicos, a vida da personalidade ou a vida humana não têm o mesmo valor de antes, se nada disso o prende com a mesma garra, então, o seu ser interior está ingressando em outro ciclo e tornando-se mais universal. Essa tendência não deve ser reprimida.

A energia e a proteção para participarmos desse despertar vêm de Erks e se espargem por toda a atmosfera terrena, tocando cada ser na medida de sua receptividade, levando-o a superar a tendência à autoafirma-

ção, o interesse excessivo por coisas materiais, a falta de compaixão e de sensibilidade ao bem geral.

O trabalho de Erks é silencioso, profundo, intenso e constante. Assim como silenciosamente se manifestou à humanidade, aguarda os que devem cruzar seus portais para depois retornarem à vida da superfície terrestre trazendo em si as sementes dos tempos vindouros.

O Corpo Físico na Cura

O homem utiliza apenas pequena fração das possibilidades do corpo físico. Mas, com as transformações profundas, embora invisíveis, que hoje se realizam nesse corpo, surgirá uma nova forma de relacionamento com ele.

O corpo, morada do Espírito

O corpo físico humano chegou a elevado grau de perfeição. Tem uma consciência evoluída, conforme demonstra seu funcionamento complexo e preciso. Se o considerarmos a morada do Espírito, como de fato é, passamos a tratá-lo com a dignidade que lhe devemos. Transmitir essa convicção ao corpo é a principal cura que nos cabe proporcionar-lhe.

Podemos levar a cada célula a informação de que é depositária da essência de um eu espiritual perfeito e íntegro; e, se mantivermos essa afirmação bem presente em nossa consciência, o corpo terá saúde, ainda que dentro dos limites apresentados pela lei do carma material.

Para fazer esse trabalho não são necessários artifícios complicados; basta termos a firme convicção de que o corpo hospeda o nosso ser interior e, como seu tabernáculo, tem a categoria de um templo.

Se não reputarmos ao corpo algo sagrado, qualquer recurso que buscarmos para sua cura – exercícios, alimentação, repouso ou tratamentos – poderá ser paliativo. Quando o levamos, porém, a adquirir a consciência de que é instrumento do ser interior, ele mesmo nos indica com clareza o que precisa. Pode-

mos, então, despreocupar-nos de seu funcionamento e apenas ficar atentos aos nossos hábitos, pois o corpo sabe manter-se em equilíbrio se não for por nós desarmonizado.

A vida sem desgastes

Há quem tente controlar o peso ou mudar o funcionamento do corpo. Mas isso é dispensável, pois ele sabe o que tem a manifestar, segundo suas capacidades. Qualquer imposição, seja concreta, seja mental, pode desregular suas funções e desvirtuar a finalidade para a qual foi criado.

Após ter assimilado nossa mensagem de que é a morada da alma, o corpo prescinde de interferências. Mas teremos sempre uma tarefa para com ele: não desgastá-lo inutilmente com hábitos, vícios ou imposições. Para isso, precisamos ter discernimento no que fazemos. Quando nos movemos, por exemplo, usamos a vontade, dado que o corpo não faria isso automaticamente. Se esse movimento não for coerente com o que temos de viver, se não contribuir para melhorar as coisas que dizem respeito a nós e aos demais, não deve ser feito.

Movimentos supérfluos são mero desgaste para o corpo físico. Se, entretanto, nossos gestos não são gratuitos, geram uma energia que o corpo vai usufruir.

A fadiga e a desvitalização ocorrem quando desenvolvemos atividades sem o intuito de contribuir para a evolução geral. Desde que essa meta espiritual

esteja presente, percebemos melhor as reais necessidades do corpo e não experimentamos desânimo nem falta de forças.

A reposição de energia

Canalizar a atenção, concentrar a mente, o sentimento e a ação física na meta evolutiva é o que mais repõe as energias despendidas pelo corpo, e não, conforme se acredita, o lazer vazio de conteúdo. Como a maioria das pessoas não está consciente disso, ele sofre desgastes contínuos que culminam em doenças e, com o tempo, em decrepitude.

A vida comum cria obstáculos para que as pessoas se restaurem. Um deles é o uso que normalmente se faz tanto do corpo físico, quanto do corpo emocional e do corpo mental. Se usamos o físico apenas em seu próprio nível de atividades concretas sem colocá-lo a serviço de algo maior, com o tempo, ficaremos cansados, doentes e desvitalizados.

O mesmo ocorre com o corpo emocional. Se o empregamos para expressar afetos desorganizados e desejos sem controle, logo estaremos em crise, instáveis e inseguros. Também a mente, se utilizada sem propósitos amplos, acaba por dispersar-se. Passa a tomar como suas as ideias que lhe foram impostas e não chega a reagir segundo as leis internas da vida espiritual.

Outro obstáculo ao fluir de energias nos corpos humanos é a matança de animais. Enquanto a humanidade for capaz de provocar o sofrimento e a morte

prematura de seres de outros reinos da natureza, estará sujeita a doenças. O massacre de animais gera carma negativo, que é compensado por meio de enfermidades nos corpos humanos.

Para pessoas mais evoluídas, a alimentação carnívora não é adequada. Introduz no organismo substâncias e vibrações características de um reino que ainda não tem controlados aspectos instintivos que no ser humano já deveriam estar transcendidos.

Quem se alimenta de carne faz-se conivente com a matança de animais e agrega ao seu próprio corpo substâncias que geram, por exemplo, agressividade. Torna, portanto, mais difícil o restauro feito por energias de cura, uma vez que se mantém vinculado a uma das causas principais das doenças.

As fontes de sustentação do corpo

Ao nos conectarmos com os níveis espirituais, vamos prescindindo do lazer comum. Ele se torna desnecessário à reposição de energia ao corpo. Cessa a busca de divertimentos e de distrações e a vida passa a ser dedicada ao serviço impessoal e universal. Se nossa ação altruísta visa ao bem geral, começamos a obter sustentação de outras fontes de energia, invisíveis e mais potentes. Com base nessas premissas, está escrito na Bíblia que "não só de pão vive o homem".

A maioria das pessoas se utiliza das sensações e do contentamento da personalidade para restaurar as

forças. Essa fonte de sustentação é das mais externas, e quem se vale unicamente dela, depende muito dos outros e vive em função de coisas materiais, portanto incertas.

Mas há quem não seja tão dependente dessa fonte e viva do contato com as forças do universo. Embora essas forças também sejam externas, abrangem planos mais sutis que os materiais. As pessoas que se encontram nessas condições não estão interessadas só em coisas físicas. Já descobriram a meta espiritual e dedicam-se a ela. Têm menos necessidade de sensação, de agitação, de alimento físico e, aos poucos, deixam de depender de pessoas e de coisas para estarem bem. À medida que se definem pela meta evolutiva, libertam-se de fontes de energia densa.

E há, ainda, pessoas no caminho espiritual que começam a usufruir uma terceira fonte, situada no nível profundo do próprio ser. Ao descobrirem esse manancial abundante, as comportas da vida plena se abrem para elas, e não lhes falta energia. A cura passa, então, a fluir nessas pessoas e, por meio delas, chega às demais.

Nos dias de hoje, quem se dedica ao desenvolvimento interior e assume também externamente um ritmo de vida condizente está, na realidade, dispondo-se a participar de uma transformação em que seu corpo será o cadinho de uma química excelsa e sagrada. Energias suprafísicas darão novas qualidades às partículas que o compõem, sutilizando a matéria.

Os segredos das células são, então, conhecidos para que se possa colaborar com elas, para que se possam oferecer ao corpo condições de despertar sua luz. Todavia, não seria viável curar a porção da matéria

que compõe o corpo sem dar à matéria universal um tributo, e isso é feito quando o ser se doa por inteiro ao bem dos demais.

Aos que despertam está sendo entregue a tarefa de transmutar os elementos materiais do seu corpo em elementos-luz, de transformar a própria carne na expressão pura do Verbo imaterial que a criou.

Não é preciso esperar o advento da Nova Terra para dela participar. É possível auxiliar na sua manifestação cultivando, desde já, a receptividade e a adesão às novas leis e padrões de conduta que lhes são próprios.

Na realidade, a nova Terra é um estado de consciência amadurecido e, tão somente, aguarda o momento de aflorar em cada ser preparado pela entrega aos desígnios superiores, pela decisão de caminhar em direção à meta evolutiva e servir conforme o propósito universal.

Para os que aderem ao novo estado de consciência, a mudança será um passo natural, que darão sem resistências, vacilações ou oposições.

Essa nova vida, que tem também seu lado físico, penetra-lhes silenciosamente a consciência.

Exercício da Vida

O poder da vida está na renovação,
na possibilidade de, a cada instante,
transcender o que já foi manifestado.
Insondável para a mente, eleva
quem busca a perfeição.

A vontade da alma

As escolhas mais decisivas para o curso da vida partem do centro do ser, da nossa alma. Mas, embora seja ela que determine os rumos básicos que temos de seguir, a personalidade, o eu externo, também possui certo poder de decisão.

Como personalidade, usamos o livre-arbítrio e, por meio dele, aprendemos a escolher. É pelo exercício de inumeráveis escolhas que vamos aprendendo a abandonar o que prejudica a evolução, até o momento em que começamos a perceber a voz da alma e a sermos atraídos por ela.

A capacidade de decisão da personalidade varia, portanto, segundo os graus evolutivos que vamos atingindo, varia de acordo com nossa receptividade ao mundo da alma.

Essa capacidade de decisão é bastante forte e dominante enquanto nos deixamos conduzir pelos aspectos materiais do nosso ser: o físico, o emocional e o mental. Redimensiona-se gradualmente, todavia, à medida que optamos pela evolução superior. A partir dessa opção, a vontade da alma vai prevalecendo nas nossas escolhas. Passamos a aceitar razoavelmente a orientação interior, a permitir que nos conduza os atos.

Quando transferimos nossas decisões para a alma, dela começam a vir provas para nos purificarmos e oportunidades para evoluirmos. A personalidade, então, vai-se tornando mais flexível e obediente e, por fim, compreendemos qual é a tarefa que nos cabe como alma encarnada.

Para cumprir essa tarefa, necessitamos de indicações internas provindas da alma, que conhece as Leis Evolutivas e o nosso destino. Assim, quando nos entregamos à vontade da alma, quando é ela que nos guia os atos, consuma-se o que está previsto para nossa vida sobre a Terra.

O caminho à frente

Um período de purificações e ajustes antecede a vida regida pela vontade da alma. Desse período pode fazer parte o que se costuma chamar de "fase do arrependimento".

No sentido espiritual, arrependimento é a predisposição para reconhecer erros e imediatamente agir de modo a equilibrá-los. Não é apenas lamentação e não deve ser confundido com a tendência de chorar pela dor que causamos ou de pedir desculpas sem que nada se transforme em nós. A lamentação por si só não tem valor evolutivo; só deprime e perturba nosso equilíbrio, e nada resolvemos com ela.

O arrependimento verdadeiro é um impulso para sanar as desarmonias que causamos no passado. Se nos arrependemos dessa maneira, isto é, se passamos a agir

equilibradamente, preparamo-nos de fato para novas etapas do caminho.

Como evoluímos por ciclos, há prazos estabelecidos para darmos certos passos. Cada ciclo nos oferece uma série de oportunidades, que pela lei do carma ficam disponíveis. Se não as acolhermos, teremos dificuldade de, no final do ciclo, passar para o seguinte.

Em outras palavras, o curso correto da evolução seria cumprirmos os ciclos, não deixarmos para depois o que podemos fazer agora. Contudo, se não conseguirmos dar os passos previstos, teremos de algum modo outras oportunidades de evolução, pois vivemos num universo regido pela lei do amor. Assim, se temos de repetir um ciclo, podemos aplicar o que já aprendemos. Se nos deixarmos levar pelo aspecto negativo de nosso "fracasso", nada mais seremos que instrumento de provas para os que estão cumprindo etapa semelhante. Mas, se adotarmos atitudes positivas, poderemos ser um estímulo ao avanço para todos, que usufruirão nossa experiência anterior de queda.

Servir pela lei do amor

Quando já estamos sendo guiados pela alma, amplia-se mais e mais a nossa capacidade de servir, de ajudar os semelhantes. Vemos dentro de cada ser uma essência espiritual. Sabemos que todos vêm de uma única fonte criadora e que o amor é a primeira lei do sistema solar. Assim, a todos tratamos naturalmente com amor, mesmo aos que apresentam características diferentes da apresentada pela maioria, ou alguma limitação.

Pela lei do amor, todo ser tem seu lugar no universo, onde melhor pode desenvolver sua aptidão, sua forma de doar-se. Mas ninguém é capaz de reconhecer esse lugar usando apenas a mente ou o desejo de servir. Só no profundo do ser sabemos onde está.

Para chegarmos a esse conhecimento e nos tornarmos mais úteis, devemos focalizar os níveis internos da consciência com fidelidade, constância e desapego. É desses níveis que emana a sabedoria necessária para ajudarmos o próximo sem interferir em seu destino.

O fundamental é ter essa busca interna como prioridade na vida. É a partir disso que nossos dias se vão tornando puro serviço da alma em benefício de qualquer pessoa que precise de auxílio.

Que é o amor?

O amor é a capacidade de coesão, de união. Se não existisse, prevaleceriam no universo as forças contrárias à unidade, e este se desintegraria. Isso é verdade também para todos os seres que habitam o universo, que fazem parte dele.

O amor mantém os átomos reunidos e integrados e dinamiza o desenvolvimento da consciência em todos os graus de expressão.

Há consciências e pessoas que canalizam com pureza a energia do amor, manifestam-no impessoalmente, sem apego ou possessividade. Mas, por enquanto, essa expressão mais límpida do amor é,

em geral, misteriosa e desconhecida, pois a maioria o confunde com afeições pessoais, com possessividade e dependência.

Devido ao ser humano comum ainda se polarizar no nível emocional e no instintivo, sua genuína necessidade de integração – em si mesmo e no universo – é por ele interpretada como necessidade de complementar-se com um semelhante. Busca, então, o amor fora de si e, por este movimento, não estabelece contato com a fonte de amor, que se encontra no interior de si mesmo.

No caminho do descobrimento do amor universal e puro, podemos ficar estacionados em uma de suas etapas, apegados a pessoas ou a situações. Por não o compreendermos como uma energia cósmica, infinita, desconhecemos que encontramos uma expressão dele mais profunda e abrangente toda vez que renunciamos aos nossos objetos de amor.

É a sabedoria que traz essa compreensão e dissolve ilusões emocionais e mentais. A sabedoria, aspecto mais elevado do amor, traz a sensibilidade interior, o conhecimento intuitivo da real necessidade dos demais seres. Portanto, dá-nos a capacidade de ajudar sem interferir.

A sabedoria indica a direção real e correta a ser seguida. Pertence ao coração e não à mente analítica e discriminadora. O amor-sabedoria traz compreensão sem requerer pensamentos lógicos e nele não há enganos nem ilusões.

Se nos perguntarem como chegamos ao amor-sabedoria, responderemos que se trata de um caminho misterioso, trilhado pela renúncia ao que já foi conse-

guido e pela oferta desinteressada e incondicional do melhor que existe em nosso ser.

Amor sábio e amor comum

O amor é sábio quando libertador, curativo e impessoal, quando nos leva ao encontro das necessidades dos semelhantes e do universo em que estamos inseridos. Movidos por ele, estabelecemos metas em consonância com a evolução da vida. O amor sábio nos impulsiona a buscar o essencial e não as aparências, sempre efêmeras. Faz-nos ver o que há de positivo em cada circunstância, sem nos deixar limitar por nada.

O amor sábio não se restringe ao reino humano. Transfigura e aperfeiçoa tudo o que toca. Assim, o que está limitado se expande e se integra no que é a sua mais interna essência.

O amor sábio torna o ser humano compassivo e disponível para tudo e para todos. Devotado à consumação de propósitos elevados, é irradiado por fontes cósmicas.

O amor comum, por sua vez, leva o ser a identificar-se com as formas externas, a iludir-se com aparências e circunstâncias. Está sujeito ao ritmo da evolução natural, que tem avanços e recuos. É, portanto, incerto e sofre influências das forças antagônicas, que restringem a pessoa sobretudo a resolver problemas de subsistência no plano físico, a satisfazer carências várias no emocional e a manter preconceitos no mental. Nesses planos, há muitas carências, e o engano dos que são

movidos pelo amor humano, comum, está em considerá-los o único instrumento de ação e de vida existente.

As decepções do amor humano levam o ser a descobrir as infinitas possibilidades do amor-sabedoria e a necessidade de vivê-lo. Com o brotar da sabedoria, sua consciência é atraída para níveis internos, e o alimento que dali flui transforma-o inteiramente.

Curadores

Pergunte aos pássaros, às ervas do campo
e às flores, e eles lhe dirão onde se encontram as
energias de cura que trazem a Nova Terra
e, por meio delas, o que hoje é
impossível, se tornará realidade.

Centros de cura cósmica

Um centro de cura cósmica é um lugar que recebe regularmente energias de áreas etéreas não contaminadas do universo e as irradia para a humanidade. Essas energias podem vir de vários pontos do sistema solar e de constelações que se relacionam com a Terra.

Na Grécia Antiga, havia cerca de 400 centros de cura cósmica sob a orientação do mitológico Esculápio. Foi neles que se construiu, na face da Terra, a base da Medicina. As energias que os vitalizavam estão agora emergindo mais uma vez.

Um dos centros de cura atualmente ativos é Aurora, prolongamento etérico de uma civilização suprafísica encarregada da formação de curadores na Terra.

Entre as tarefas fundamentais de um centro como Aurora está a da cura interior, a de ajudar os seres humanos a ordenar sua vida a partir do eu espiritual. A cura dos males físicos pode vir como consequência, mas não é seu principal objetivo.

A cura interior transcende os níveis materiais. Quando uma pessoa se harmoniza com o núcleo profundo da consciência, uma verdadeira transformação se opera: seu ser interno fica livre para aperfeiçoar-se

e passa a viver segundo padrões superiores. À medida que vai sendo curado, o indivíduo pode transformar-se, gradualmente, em curador.

Aurora, embora visível apenas aos sentidos internos, é uma escola de curadores. Mas não se trata de uma escola em que se realizam cursos. Os contatos com esse centro dão-se em níveis subjetivos e espirituais, onde é transmitido o ensinamento que leva a pessoa a unir-se à própria essência e, portanto, a tornar-se sadia.

Curadores em formação

Curadores são todas as entidades espirituais e seres que participam da irradiação energética realizada por um centro de cura. Existem curadores de vários níveis. Alguns recebem energias sublimes na potência em que elas se encontram originalmente e tornam-se seus depositários. Um planeta progride muito com a presença de curadores desse porte.

Há também os que recebem as energias dimensionadas para a capacidade do planeta e irradiam-nas à humanidade, fazendo-as atingir até o plano físico. Alguns curadores dessa qualidade chegam a encarnar ou a se materializar para cumprir sua tarefa na superfície da Terra.

Mas existem também seres que estão sendo preparados para trabalhar pela cura da humanidade, muitos dos quais fazem parte dela. Contudo, esses aprendizes, que são inúmeros, de modo geral não têm consciên-

cia disso pois, nem sempre, os níveis pessoais de um curador em formação estão purificados o bastante para que ele não interfira na transmissão das energias de cura, transmissão que deve ser impessoal e correta. Como todo trabalho interior, a irradiação das energias de cura nada tem de pessoal e não pode ser dirigida – é realizada sem a participação da mente analítica ou do emocional de quem a está transmitindo.

Quando alguém começa a conectar-se com os níveis internos da consciência, um campo magnético vai-se criando em sua aura. Se não escolhe com a própria personalidade quem incluir nesse campo, sua aura passa a ser benéfica para todas as pessoas, segundo a receptividade delas e a real necessidade que apresentam. Como esse estado varia de pessoa para pessoa, há diversos graus e tonalidades em que as energias de cura se manifestam.

O curador em formação passa por uma série de aprendizagens antes de poder transmitir energias de cura. Aprende, por exemplo, a criar harmonia nos ambientes em que se encontra, a purificar e equilibrar a vida que leva, a transformar a si mesmo, a pautar seu dia a dia por leis superiores. Para cumprir essa fase preparatória, conta muito com seus potenciais humanos.

Depois, a harmonização dos necessitados não é mais realizada pelo curador, mas pelas próprias energias espirituais de cura que dele se utilizam como instrumento de bem. É nessa fase impessoal que uma cura profunda, a cura cósmica, começa a realizar-se por seu intermédio.

Cura cósmica e magia

Há grande diferença entre cura cósmica e magia. As energias da cura cósmica não podem ser dirigidas por quem as transmite; na magia, ao contrário, as forças disponíveis são conduzidas conforme a vontade de quem as utiliza.

Pode-se dizer que há três tipos de magia: a magia negra, a cinzenta e a branca. A primeira é feita com finalidades puramente egoístas. Utiliza forças elementais e seres desencarnados que, por ânsia de prosseguirem suas experiências na matéria, permanecem na esfera psíquica do planeta após ter deixado a vida física. Como ainda estão sem contato com os planos regidos por leis maiores, prestam-se a ser instrumento da vontade humana não dirigida ao bem.

A magia cinzenta, por sua vez, também é exercida em conformidade com a vontade humana, porém movida por boas intenções. É bastante comum no cerimonial rotineiro das religiões, nas preces e rituais realizados segundo o que se acredita ser bom ou útil para os demais. Pela magia cinzenta faz-se o que parece adequado no entender da personalidade e de acordo com os seus desejos em âmbito material ou moral.

A magia branca é a livre expressão da alma no mundo concreto, o que significa doação de si em prol da evolução em geral. Feita em consonância com a vontade espiritual, resume-se na atividade da alma, na realização de sua vocação para o serviço altruísta.

Entretanto, toda magia gera carma. A magia negra gera carma negativo para quem a faz e para quem a

recebe. A magia cinzenta gera carma positivo e negativo – tanto mais negativo quanto maior for o grau de interferência na vida daqueles a quem se dirige. E a magia branca, altruísta e desinteressada, gera carma positivo. Ter carma positivo é melhor que ter carma negativo, mas tanto um quanto outro subjugam o ser, não o deixam livre para atuações mais universais, acima do mundo cármico.

Quem se doa como canal para a fluência das energias de cura cósmica deve estar desimpedido para ingressar em esferas evolutivas superiores, além da lei do carma material. Precisa abandonar totalmente a prática da magia, seja ela qual for. Precisa deixar de interferir na vida dos outros, mesmo que a interferência seja positiva. Raros são os que conseguem essa impessoalidade.

Se a pessoa não permanece neutra diante do que vê, ouve ou sente, a pureza não se instala nos seus corpos e ela passa às demais, mesmo sem querer, a própria condição de desarmonia. Mas, se não entra no destino alheio, suas células podem ser transformadas, energizadas por conjuntos atômicos que vêm de universos sem carma material. Torna-se, então, apta a servir realmente, livre para operar o que for necessário, considerando leis maiores e ciclos de evolução bem mais amplos do que esses naturais.

Há seres humanos sendo preparados pelo centro Aurora para tornarem-se curadores desse grau. Alguns vão percebendo que é fundamental renunciar a toda e qualquer forma de magia. Por estarem sendo chamados a um patamar mais elevado, se tentam ajudar os outros do modo como vinham fazendo, acabam desvitalizados

e doentes. Essa crise por que passam os candidatos a curadores é superada quando compreendem que não são autores da cura, mas apenas canais para a circulação de certas energias universais e impessoais. Precisam ter fé na ação dessas energias. Aí se absterão de ajudar à sua maneira e deixarão acontecer o que realmente é melhor para o destino superior de cada indivíduo.

Requisitos para se tornar um curador

A respiração correta é fator importante para o contato com as energias de cura. Para consegui-la, no passado eram ensinadas técnicas aos que deveriam desempenhar o papel de curadores. Hoje essas técnicas já não são necessárias, pois a respiração é naturalmente equilibrada quando se cultiva tanto a compreensão pelo que a vida apresenta, quanto a busca do autoconhecimento.

Compreender e aceitar o que a vida sabiamente traz é diferente de passividade diante dos acontecimentos. É estar receptivo aos fatos sem entrar em conflito com eles; só assim pode-se, depois, transformá-los.

Quanto à busca do autoconhecimento, deve ser prioritária na vida de um curador. Quando ele compreende que sua própria permanência nos planos materiais é apenas um pequeno lapso em sua infinita trajetória cósmica, começa a experimentar a solidão interior. Pode, então, estar acompanhado de muitas pessoas e permanecer em solidão; aprende a nada exigir do outro, a não furtar energia.

O verdadeiro curador sabe que, para surgir uma nova expressão em seu ser, é preciso que suas estruturas mais básicas passem por certa destruição. Quando isso acontece, quem enxerga só aparências pode achar que a destruição traz sofrimento, quando, na realidade, se trata de uma purificação necessária e libertadora. Para o curador, experiências de dor física ou de desgosto emocional, por exemplo, não significam sofrimento, mas liberação de fardos humanos e de impurezas dos corpos materiais.

Ao perceber a diferença entre sofrimento e purificação e ao aceitar esta última, o curador recebe imprevisíveis ajudas. Se vence uma prova, sabe que não deve orgulhar-se; em caso contrário, sabe que não deve impressionar-se, pois, se absorver a lição que a prova lhe traz, poderá vencê-la na próxima oportunidade. O curador sabe que transcender o sentimento de decepção por não ter passado numa prova é um grande impulso à evolução.

As Hierarquias espirituais de cura

Contatamos as Hierarquias espirituais de cura quando temos como prioridade a busca de união com a própria essência e quando essa busca prevalece sobre qualquer outro escopo. Se estivermos voltados para o centro da consciência, essas entidades atuam com a nossa colaboração, não importa o lugar ou a situação em que nos encontremos.

Essas Hierarquias são consciências elevadas ou espíritos coligados a centros planetários como Aurora. Estão unidas a energias cósmicas de alta potência e podem servir-se de nós para irradiá-las nos planos materiais, onde quer que a cura seja necessária. Para contatarmos essas entidades e espíritos evoluídos, precisamos esvaziar-nos de conceitos e expectativas. Na neutralidade perante o mundo formal encontra-se a chave para esses contatos, que se dão, principalmente e quase sempre, no lado interno da vida. Assim, com a consciência voltada para o infinito, tornamo-nos canais para impulsos benéficos; a personalidade, agora flexível aos impulsos dos níveis superiores do ser, não interfere no serviço a ser prestado.

Num verdadeiro curador, o desejo e o querer pessoal foram consumidos nas chamas do despertar interno. Sua consciência é como um espelho que reflete fluidos de eletricidade cósmica. O curador já não se deixa tocar por apelos da matéria; ele está, portanto, apto a transfigurá-la quando a permeia com suas vibrações.

A Cura Cósmica

O desconhecido é o que, existente em algum ponto do espaço-tempo, a consciência humana ainda não alcançou.

Que é a cura cósmica?

A cura cósmica é a recondução do ser humano à sua Origem interna, é a consciente unificação da vontade pessoal com a vontade superior do próprio indivíduo. Realiza-se pela sintonia com a realidade espiritual e se inicia quando buscamos saber qual é a verdadeira meta da vida.

Esse processo de cura intensifica-se só quando nos entregamos aos níveis superiores do nosso ser – o que podemos fazer de maneira simples, dirigindo-nos a esses níveis internos da consciência com toda a sinceridade: "Quero ser aquilo para que fui criado. Farei o que for preciso para isso".

Ao nos entregarmos assim à vontade interna do eu superior, podemos desempenhar o papel que nos cabe no universo em que vivemos e entrar em harmonia. E, à medida que essa harmonia chega ao plano físico, as doenças podem ser eliminadas, pois elas surgem justamente quando há desvios no caminho traçado para nós.

Como a cura cósmica transcende o corpo físico, pois concentra-se no mundo interior, ela só pode tornar-se realidade quando estamos sintonizados com o espírito imortal que vive em nós, isto é, quando

nos empenhamos em realizar a vontade superior em nossa vida.

Se estivermos preocupados só com a remoção de algum incômodo físico, emocional ou mental, ficamos limitados aos problemas da personalidade e, assim, impedimos que ocorra uma cura verdadeira, não paliativa.

Calar e observar

Devemos aproximar-nos da cura cósmica com humildade, como quem se aproxima de algo onipotente e onipresente. Essa humildade é um estado interno de silêncio, de imparcialidade diante do que desconhecemos; não é submissão. Depois, para continuarmos receptivos à cura, temos de aprender a calar e a observar.

Calar significa não criar expectativas, não cobrar respostas do nosso eu superior, não desgastar o estado alcançado depois de nos entregarmos a ele. Não é necessário fazer conjecturas, planos ou programas após essa entrega. Se já nos oferecemos, não precisamos voltar ao assunto, nem mesmo em pensamento. O nosso eu superior já nos escutou. Na verdade, já sabia das nossas necessidades muito antes de a ele nos dirigirmos. Conhecia-nos antes mesmo de sermos criados; então, só temos de nos abrir e calar.

Observar, por sua vez, é uma atitude diferente da habitual. De modo geral, quando olhamos em torno, queremos tirar proveito, queremos controlar o ambien-

te para fazer com que se amolde ao que desejamos, ou colocamos em movimento a nossa capacidade de crítica e de julgamento. Observar, no sentido que a cura requer, é estarmos atentos às circunstâncias da própria vida para perceber o que o eu superior quer de nós, mas mantendo-nos calados, ou seja, sem fazer comentário algum a respeito, nem mesmo comentário mental. Em muitos casos, fazer a vontade do eu superior exige mudanças em nossa forma de ser. Observar, nesse sentido, é estarmos atentos para perceber o que devemos mudar, já que, se há enfermidade, é porque não estamos praticando aquilo para que fomos criados.

Nenhum curador pode resolver nosso problema se não nos transformamos. Para sermos curados, precisamos estar prontos a deixar de ser como temos sido, porque esse estado foi o que nos levou à enfermidade. E a doença só será removida quando mudarmos.

A nova atitude assumida por nós é o que mais conta na verdadeira cura, a cura cósmica. Todo o resto vem do imponderável, do que escapa totalmente ao controle humano. Daí seu inestimável valor, pois a cura vem do profundo do ser, onde existem perfeição e saúde; vem do nosso próprio inconsciente.

O silêncio e a fé são os instrumentos de quem se dispõe a passar pela cura cósmica; a impessoalidade e a pureza são os instrumentos do curador.

O curador

A medicina tradicional normalmente utiliza meios paliativos e atua na parte externa da pessoa. Limita-se, em geral, aos aspectos materiais de quem é tratado: o

corpo físico, o corpo emocional e o corpo mental. É raro lidar com a totalidade do indivíduo que está sendo tratado, que inclui os seus níveis de consciência além da mente.

Para a cura se tornar efetiva, e não temporária, a forma de agir da medicina comum deve complementar-se com procedimentos que considerem o ser como um todo e o levem a se harmonizar com realidades profundas.

O curador espiritual transcende os aspectos materiais do paciente. Para isso, interage com leis internas, como as do plano intuitivo, por exemplo. Como a cura cósmica se realiza em dimensões supramentais, o curador nem sempre precisa examinar quem está sob seus cuidados, nem mesmo precisa estar na presença dele. Interiorizado, trabalha de maneira bem mais intensa e profunda do que se o atendesse pessoalmente. Portanto, a maior parte da sua atividade é invisível.

Mas o trabalho do curador tem início no seu próprio ser: ele tem de sanar suas desarmonias antes de se tornar veículo de cura para os demais. Somente quando começa a se unir à vontade superior, dentro de si mesmo, é que passa a transmitir a energia de cura a que nos estamos referindo.

Todo aquele que se tenha disposto a seguir a vontade superior pode tornar-se um curador, sem nem ao menos saber disso. Em muitos casos é melhor que aconteça assim, pois, se nutrir vaidade ou qualquer intenção de manipular ou de conduzir à sua maneira a energia de cura, esta deixa de atuar.

Um curador é diferente de um curandeiro. O curandeiro pode até remover o mal por meio de influências

mais sutis que as do plano físico, sejam elas astrais ou mentais; entretanto, a mera remoção de um mal pode não significar cura, sobretudo, se o tratamento estiver em desacordo com os desígnios ou vontade superior e interna de quem é tratado. O curandeiro trata pela aplicação de uma força suprafísica controlável, e não pela energia cósmica da cura, que é onisciente, onipotente e onipresente. O curandeiro, que dirige forças para obter resultados que considera bons – sem conhecer o destino do paciente – pode estar interferindo em seu carma.

Há médicos e terapeutas que se tornam curadores. Há também curadores que deixam de sê-lo por usarem a energia de cura com propósitos egoístas, por explorarem comercialmente o seu trabalho.

Enquanto a medicina e a terapia normais são legalmente exercidas mediante pagamento, a cura cósmica é incompatível com qualquer tipo de retribuição. "Dar de graça o que de graça se recebe" é uma lei expressa por Jesus, um curador, e essa lei continua a reger o serviço de todos os curadores autênticos.

Centros de cura

Praticamente não há, na superfície da Terra, quem não precise de cura. E ela é necessária não só a cada ser humano em particular, mas aos diferentes setores da vida planetária. Por isso, há na Terra centros suprafísicos dedicados à cura cósmica, alguns dos quais foram revelados. Esse é o caso de Aurora, civilização sutil que está na área intraterrena do Uruguai e cuja irradiação chega à superfície. Alguns seres humanos que alcança-

ram certo grau de evolução espiritual e que têm corpos sutis já desenvolvidos e ativos, transmigraram para essa civilização mais avançada e lá realizam seu trabalho de curadores. Muitos deles virão auxiliar na reconstrução da face da Terra depois da atual transição energética por que ela passa, ou na implantação dos padrões de conduta da vida futura.

Atualmente, quando uma pessoa busca a cura, em geral, pede a remoção do incômodo que está sentindo em seu corpo físico. Mas a cura cósmica não começa pelo nível material; este é o último a ser atingido por ela, e apenas quando há condições. Essa cura pode chegar ao corpo físico se a pessoa estiver corretamente sintonizada, e isso significa não estar pedindo a remoção de incômodos, mas permanecer receptiva à harmonia com a Vida Única, com toda a vida cósmica.

Um centro de cura cósmica atua com base nessa perspectiva maior e pode ajudar muitas pessoas que precisam de harmonização, onde quer que estejam, encarnadas ou não. A energia desses centros se espalha pelo planeta inteiro, sem limites de tempo nem de espaço, porque age sob leis mais amplas e avançadas do que as que conhecemos.

Portanto, não há limitações para a cura cósmica: ela se dá além das dimensões materiais. Assim, se tivermos a intenção de realizar a vontade do nosso eu superior, estabelecemos contato telepático com centros como Aurora, não importa que estejamos em outras dimensões da consciência.

Se estivermos com essa atitude correta, a energia de cura pode tornar-se realidade para nós. O que mais conta é a atitude. Trata-se de nos colocarmos interna-

mente diante dessa oportunidade, diante da irradiação de centros como Aurora.

Entre os recursos de que dispomos para entrar em contato com esse nível de cura, os mais poderosos e próximos de nós são a fé e a devoção ao desconhecido, ao que de mais elevado pudermos conceber.

LIVROS DE TRIGUEIRINHO

1987

- NOSSA VIDA NOS SONHOS
- A ENERGIA DOS RAIOS EM NOSSA VIDA

1988

- DO IRREAL AO REAL
- HORA DE CRESCER INTERIORMENTE – *O Mito de Hércules Hoje*
- A MORTE SEM MEDO E SEM CULPA
- CAMINHOS PARA A CURA INTERIOR

1989

- ERKS – *Mundo Interno*
- MIZ TLI TLAN – *Um Mundo que Desperta*
- AURORA – *Essência Cósmica Curadora*
- SINAIS DE CONTATO
- O NOVO COMEÇO DO MUNDO
- A QUINTA RAÇA
- PADRÕES DE CONDUTA PARA A NOVA HUMANIDADE
- NOVOS SINAIS DE CONTATO
- OS JARDINEIROS DO ESPAÇO

1990

- A BUSCA DA SÍNTESE
- A NAVE DE NOÉ
- TEMPO DE RETIRO E TEMPO DE VIGÍLIA

1991

- PORTAS DO COSMOS
- ENCONTRO INTERNO – *A Consciência-Nave*
- A HORA DO RESGATE
- O LIVRO DOS SINAIS
- MIRNA JAD – *Santuário Interior*
- AS CHAVES DE OURO

1992

- DAS LUTAS À PAZ
- A MORADA DOS ELÍSIOS (1992-1995)
- HORA DE CURAR (A Existência Oculta)
- O RESSURGIMENTO DE FÁTIMA (Lys)
- HISTÓRIA ESCRITA NOS ESPELHOS – *Princípios de Comunicação Cósmica*
- PASSOS ATUAIS
- VIAGEM POR MUNDOS SUTIS
- SEGREDOS DESVELADOS – *Iberah e Anu Tea*
- A CRIAÇÃO – *Nos Caminhos da Energia*
- O MISTÉRIO DA CRUZ NA ATUAL TRANSIÇÃO PLANETÁRIA
- O NASCIMENTO DA HUMANIDADE FUTURA

1993

- AOS QUE DESPERTAM
- PAZ INTERNA EM TEMPOS CRÍTICOS
- A FORMAÇÃO DE CURADORES
- PROFECIAS AOS QUE NÃO TEMEM DIZER SIM
- A VOZ DE AMHAJ
- O VISITANTE – *O Caminho para Anu Tea*
- A CURA DA HUMANIDADE
- OS NÚMEROS E A VIDA – *Uma nova compreensão da simbologia oculta nos números*
- NISKALKAT – *Uma mensagem para os tempos de emergência*
- ENCONTROS COM A PAZ
- NOVOS ORÁCULOS
- UM NOVO IMPULSO ASTROLÓGICO

1994

- BASES DO MUNDO ARDENTE – *Indicações para contato com os mundos suprafísicos*
- CONTATOS COM UM MONASTÉRIO INTRATERRENO
- OS OCEANOS TÊM OUVIDOS
- A TRAJETÓRIA DO FOGO
- GLOSSÁRIO ESOTÉRICO

1995

- A LUZ DENTRO DE TI

1996

- PORTAL PARA UM REINO
- ALÉM DO CARMA

1997

- NÃO ESTAMOS SÓS
- VENTOS DO ESPÍRITO
- O ENCONTRO DO TEMPLO
- A PAZ EXISTE

1998

- CAMINHO SEM SOMBRAS
- MENSAGENS PARA UMA VIDA DE HARMONIA

1999

- TOQUE DIVINO
- **COLEÇÃO PEDAÇOS DE CÉU:**
  - AROMAS DO ESPAÇO
  - NOVA VIDA BATE À PORTA
  - MAIS LUZ NO HORIZONTE
  - O CAMPANÁRIO CÓSMICO
  - NADA NOS FALTA
  - SAGRADOS MISTÉRIOS
  - ILHAS DE SALVAÇÃO

2003

- UM CHAMADO ESPECIAL (publicado originalmente em inglês com o título *Calling Humanity*)

2004

- ÉS VIAJANTE CÓSMICO
- IMPULSOS

2006

- TRABALHO ESPIRITUAL COM A MENTE

2009

- SINAIS DE BLAVATSKY – *Um inusitado encontro nos dias de hoje*

Publicados pela Editora Pensamento, São Paulo/SP, Brasil.

1997

• COLEÇÃO 21 LIVROS DE BOLSO

2004

• PENSAMENTOS PARA TODO O ANO

2012

• CONSCIÊNCIAS E HIERARQUIAS

2015

• MENSAGENS REUNIDAS
• MENSAGENS PARA SUA TRANSFORMAÇÃO

2017

• PÁGINAS DE AMOR E COMPREENSÃO

2018

• NOVOS TEMPOS, NOVA POSTURA

Publicados pela IRDIN Editora, Carmo da Cachoeira/MG, Brasil.

Toda a obra de Trigueirinho está editada também em espanhol pela Editorial Kier, Buenos Aires, Argentina.

Alguns livros do autor estão sendo editados em outros idiomas pela Associação Irdin Editora, Carmo da Cachoeira/MG, Brasil.

Outras informações podem ser encontradas no site: www.trigueirinho.org.br

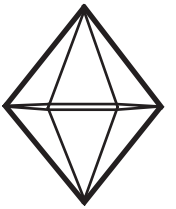
GLOSSÁRIO ESOTÉRICO

TRIGUEIRINHO

Com mais de mil verbetes acerca do que se passa na Terra
e no ser humano nesta época de transição,
esta obra vai ao encontro tanto dos que estão despertando para a
vida interior, quanto dos que já aderiram a ela.

Traz esclarecimento aos que buscam a verdade e anseiam penetrar
o lado desconhecido da existência humana, planetária e cósmica.

Mostra que, enquanto se colhe a semeadura de ciclos passados,
planta-se a vida futura na Terra.



ALQUIMIA, MISTICISMO, LOGOS PLANETÁRIO, ANARQUIA DIVINA, RAIOS, RELIGIÃO, GRUPOS INTERNOS, ANDROGINIA, APARIÇÕES DA VIRGEM, ASTROLOGIA, SONHOS, ENERGIA SEXUAL, BASE DE OPERAÇÕES, CENTRO DE MISTÉRIOS, ARCANJO, NAVE ALFA, NAVE-LABORATÓRIO, SAINT GERMAIN, CENTRO DE TRASLADO, TRANSMUTAÇÃO, ANTIMATÉRIA, TRANSMIGRAÇÃO, REINO ANGÉLICO, HIERARQUIA INTERNA DA TERRA, CENTROS ENERGÉTICOS DO PLANETA, DIMENSÃO, AURA, CORPO GRUPAL, ELEMENTAIS, MÔNADA, CENTROS ENERGÉTICOS DO SER, CONE SUL, ENSINAMENTO ESOTÉRICO, CONFEDERAÇÃO INTERGALÁTICA, CRISTO, CORPO DE LUZ, ESPELHOS DO COSMOS, CULTURA, ETAPAS EVOLUTIVAS DO HOMEM, LEMÚRIA, MAGNETISMO, LEI DO CARMA, CENTRO INTRATERRENO, EXTRATERRESTRES, OPINIÃO PÚBLICA, UFO, VIDA DIVINA, FRATERNIDADE CÓSMICA, NÍVEIS ARDENTES, FILHOS DAS ESTRELAS, OPERAÇÃO RESGATE, IMPULSOS CÓSMICOS, INICIAÇÃO, RESSURREIÇÃO, IGREJA, FRATERNIDADE DO MAL, TRIÂNGULO DAS BERMUDAS, RONCADOR, RAÇA, MANTRAS, DEVA, MEDICINA, MEDITAÇÃO, PASSAGENS INTERDIMENSIONAIS, PIRÂMIDE, PESQUISAS EXTRATERRESTRES, MEMÓRIA, POLARIDADE FEMININA DO PLANETA, PROFECIA, APOCALIPSE, ATLÂNTIDA, PSICOLOGIA ESOTÉRICA, MAGIA, ASHRAM, SIGNOS CÓSMICOS, AVATAR, ESSÊNIOS, etc.

Editora Pensamento

Não se abalar com o que sucede à nossa volta e realizar o próprio destino é meta de muitos de nós. Mas, como estar em paz em meio à agitada vida moderna? Onde encontrar o real sentido da existência?

Essas e outras indagações são a base deste livro, dirigido aos que querem ir além das inquietudes destes tempos.

Associação Irdin Editora
www.irdin.org.br

ISBN 978-85-5441-041-4